

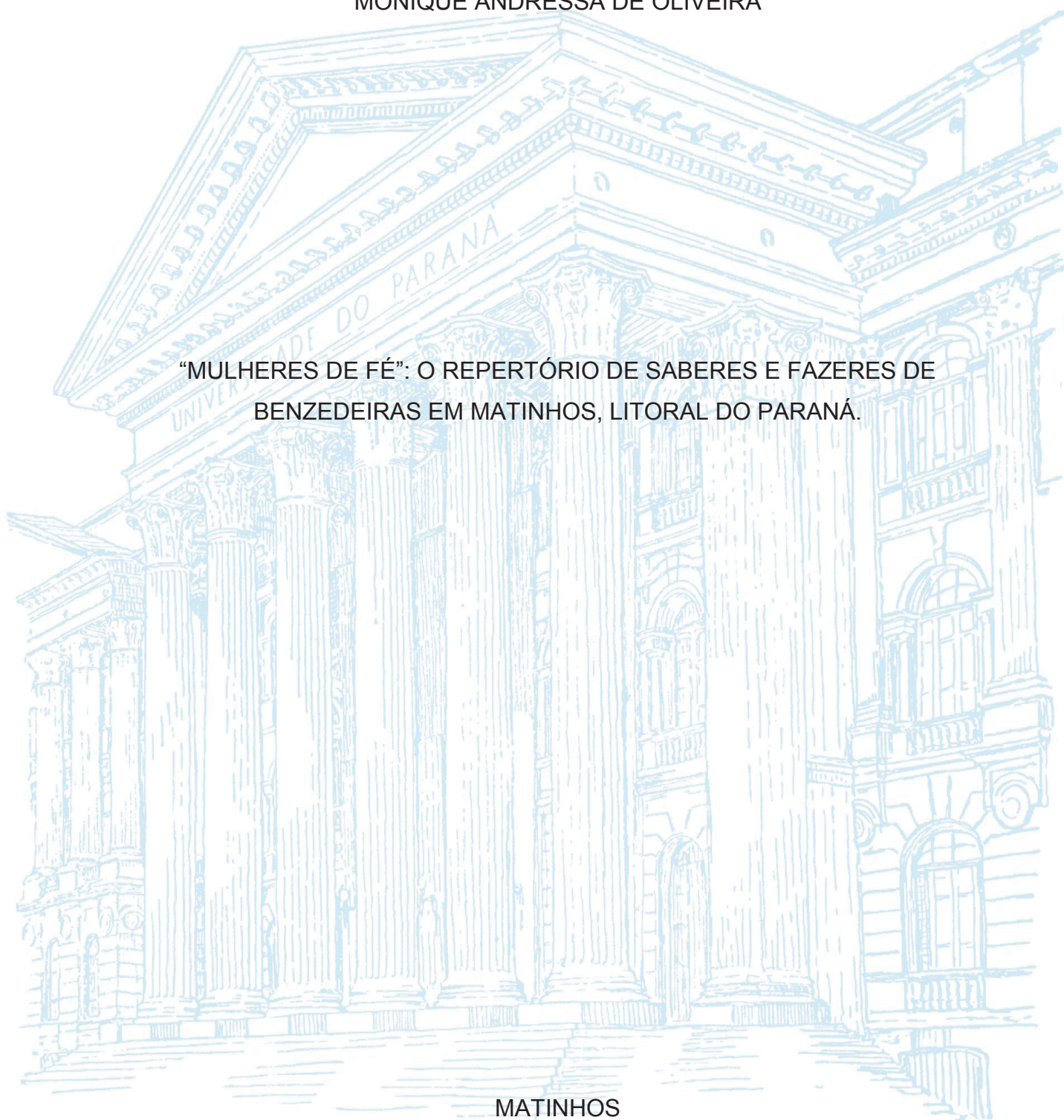
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MONIQUE ANDRESSA DE OLIVEIRA

“MULHERES DE FÉ”: O REPERTÓRIO DE SABERES E FAZERES DE
BENZEDEIRAS EM MATINHOS, LITORAL DO PARANÁ.

MATINHOS

2019



MONIQUE ANDRESSA DE OLIVEIRA

“MULHERES DE FÉ”:
O REPERTÓRIO DE SABERES E FAZERES DE BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO
DE MATINHOS, LITORAL DO PARANÁ.

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional
em Rede Nacional para Ensino das Ciências
Ambientais, Universidade Federal do Paraná,
Setor Litoral, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestra em Ciências Ambientais

Orientadora: Profa. Dra.: Ana Elisa de Castro
Freitas

Coorientadora: Profa. Dra.: Claudemira Vieira
Gusmão Lopes

MATINHOS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

O482i Oliveira, Monique Andressa de
 “Mulheres de fé”: o repertório de saberes e fazeres de benzedeiras em
Matinhos, litoral do Paraná / Monique Andressa de Oliveira ; orientadora Ana Elisa
de Castro Freitas ; coorientadora Claudemira Vieira Gusmão Lopes. – 2019.
76 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral,
Matinhos/PR, 2019.

1. Benzedeiras (Litoral do Paraná). 2. Benzedeiras (Matinhos, PR). 3. Cultura
popular (Matinhos, PR). 4. Cultura popular (Litoral do Paraná). I. Dissertação
(Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências
Ambientais. II. Título.

CDD – 398.41



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MONIQUE ANDRESSA DE OLIVEIRA** intitulada: **MULHERES DE FÉ: O REPERTÓRIO DE SABERES E FAZERES DE BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE MATINHOS, LITORAL DO PARANÁ**., após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.


A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 29 de Março de 2019.


ANA ELISA DE CASTRO FREITAS
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


VANESSA MARX
Avaliador Externo (UFRGS)


DAMIANA BREGADA JAENISCH
Avaliador Externo (IPHAN)


CLAUDEMIRA VIEIRA GUSMÃO LOPES
Avaliador Interno (UFPR)

Dedico este trabalho á Dona Valdivia Cassins Shinke (in memorian).
Sempre amável e carinhosa. Ouvi-la e aprender um tanto sobre a vida foi uma honra e um
privilégio que guardo aqui dentro. Descanse em paz minha querida!

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia chegar a bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas.

Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora, Professora Ana Elisa de Castro Freitas, que desde o primeiro momento topou o desafio de, junto comigo, desvendar o incrível universo das benzedadeiras em Matinhos. Com sua sensibilidade sempre me apoiou e, sobretudo, respeitou. Agradeço profundamente a oportunidade de ser sua orientanda, aprendi muito com você. Meu sincero agradecimento!

Agradeço aos meus pais José Wilmar e Vani Gonçalves. Sobre tudo a minha mãe, mulher de espírito livre, que me incentivou desde pequena aos estudos, á autonomia e independência. Mãe, muito obrigada!

Agradeço ás minhas irmãs Patrícia e Gessica, minhas referências, mulheres de força, vocês estão em tudo que eu faço. Ao meu irmão Gabriel, nosso eterno caçulinha, e ao meu sobrinho e afilhado amado Benjamim, minha luz e firmamento.

Às amigas, Gisele e Aretusa, conviver com vocês durante o mestrado (e para além dele) tornou as coisas mais alegres, fáceis e suaves. Obrigada!

À Giovanna Zanolenci, que me apoia e me fortalece, me olhando com olhos de quem ama, e, portanto, me vendo bem melhor do que eu sou. Obrigada por estar presente e me lembrar, todos os dias que sou capaz!

Às amigas e amigos que sempre estiveram presentes com palavras de incentivo. Em especial, Lucas Henrique, Ana Coutinho, Débora Martins, Débora Evellyn, Marcelo Greco, Kamila Anzen, Vanessa Totó, Marlon Gallo, Vitor (Japa) Isabela Olsen, e minha amada amiga Samara (in memoriam). Obrigada, muito carinho por vocês!

Aos amigos do Bar do Ale, pelas rodadas de conversa e pelas boas doses de diversão. Vocês foram uma presença leve e necessária em minha vida nesse período intenso de estudo.

Às professoras e aos professores do Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, em especial á professora Claudemira Lopes Gusmão, minha co-orientadora e ao professor Eduardo Harder, pelos quais cultivo elevada estima e admiração.

Agradeço também a professora Vanessa Marx, do Departamento de Sociologia da UFRGS e a professora Damiana Bregalda consultora da UNESCO/IPHAN por aceitar e compor a banca de avaliação deste trabalho.

Agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

Agradeço, especialmente, às benzedeiras que participaram deste trabalho, que me receberam em seus lares, acolheram em suas casas, compartilharam comigo seus saberes, suas histórias, suas lembranças e emoções. Sem elas este trabalho jamais teria sido possível. Sinto-me profundamente agradecida e honrada pela oportunidade de mergulhar neste incrível universo dos saberes e fazeres destas grandes cientistas populares! Gratidão!

E por fim, meu sincero e emocionado agradecimento a todas as mulheres que me antecederam. Mulheres guerreiras, parteiras, curandeiras, benzedeiras, raizeiras, macumbeiras, bruxas e feiticeiras, que curavam, rezavam, dançavam, vibravam, acolhiam e amavam. Mulheres sábias, donas de conhecimentos incríveis e de uma sabedoria que transcende. Marginalizadas, perseguidas, torturadas, enforcadas e jogadas as chamas. Eu honro e agradeço as minhas ancestrais!

Menina com quebranto?
- Reza de acalanto!
Ramo de arruda na mão.
E lá vinha a vó benzedeira:
feiticeira do sertão.
Curar as dores do corpo,
as mágoas do coração.
A mão empunhava as folhas
e a coreografia de cruz,
tinha início de repente
(de certo invocando Jesus).
Que será que a vó dizia
em ritmo meio atonal?
A face cheia de vincos –
como um trajeto ancestral...
Guardiã de mil segredos,
rugas de tempo e de sol.

Olhava pro firmamento
E entoava um só refrão.
Em línguas desconhecidas
chamava espíritos bons.
Morgana da terra seca.
Deusa grega disfarçada,
princesa de Bagdá!
Senhora de cantorias
com influências de além-mar.
Fada, bruxa, rezadeira,
índia, africana, mãe-terra
Gaia de todas as eras...
Alquimia feminina...
Herança que me mantém.
Maria, cheia de graça!
Sertão ecoando: amém!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo conhecer, desvendar, descrever e interpretar o repertório de saberes e fazeres que integram os sistemas de benzer das benzedeiras no município de Matinhos, litoral do Paraná. Buscamos compreender as relações de reciprocidade e as condições objetivas e subjetivas de reprodução dos sistemas de benzer, apontando as teias de reprodução/manutenção deste sistema, ou seja, seu horizonte de continuidade, mas também mostrando as tensões e dificuldades que o sistema apresenta. Buscando uma rota de aproximação com os saberes e fazeres das benzedeiras interlocutoras desta pesquisa, optamos pelo método etnográfico, baseado na observação participante na intenção de construir uma descrição densa do repertório de saberes e fazeres que integram os sistemas de benzer dessas mulheres. Como fontes de pesquisa, contamos a participação de três benzedeiras que residem e atuam no município de Matinhos. Concluimos que, o repertório de saberes e fazeres das benzedeiras refletem conhecimentos, valores e saberes próprios dos segmentos populares, num mundo que embora, epistemologicamente diverso, sofreu um processo de homogeneização sob o pretexto da 'missão colonizadora'. A permanência das benzedeiras no cotidiano dos moradores de Matinhos demonstra o reconhecimento de uma esfera essencial ao bem estar do indivíduo, o qual o saber biomédico não consegue acessar, o cuidado do corpo e do espírito do paciente. No entanto, importante ressaltar que a benzedeira não tem a sua prática como concorrente da biomedicina, uma vez que o ofício de benzer pertence a esferas diferentes, e compreende outros aspectos além da saúde física.

Palavras-chave: Benzedeiras. Saberes e fazeres. Dom. Cura. Reciprocidade.

ABSTRACT

This essay aims to know, unveil, describe and interpret the repertoire of knowledges and doings which integrate the blessing systems of healers from Matinhos, coast of Paraná state. We seek to understand the relations of reciprocity and the objective and subjective conditions in which the blessing systems reproduce, pointing out the reproduction / maintenance webs of this system, that is, its horizon of continuity, but also showing the tensions and difficulties that the system represent. Searching routes to approach the knowledges and doings of healers, interlocutors of this research, we have chosen the ethnographic method, based on the participant observation with the intention of building up a solid description of the repertoire of knowledges and doings which integrate these women's blessing systems. As sources of research we count on three healers who live and work at Matinhos. We deduce that the repertoire of knowledges and doings of healers reflect acquaintance and values from popular segments, in a world that, although epistemologically diverse, underwent a process of homogenization under the pretext of the 'colonizing mission'. Healers permanence in the daily life of inhabitants of Matinhos demonstrates the recognition of an essential sphere for the well-being of the individual which biomedical knowledge can not access, the care of the body and the patients spirit. However, is important to highlight that the healer does not have its practice as a competitor of biomedicine, since the blessing occupation belongs to different spheres, and comprises other aspects than physical health.

Keywords: Healers. Knowledges and doings. Ability (gift). Cure. Reciprocity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS BENZEDEIRAS QUE INTEGRAM O ESTUDO	39
---	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - LOCALIZAÇÃO DAS BENZEDEIRAS QUE INTEGRAM O ESTUDO.....	33
QUADRO 2 - PERFIL DAS BENZEDEIRAS.....	34
QUADRO 3 - INFORMAÇÕES SOBRE AS BENZEDEIRAS.....	36
QUADRO 4 - DOENÇAS DE BENZEDEIRA	54

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CAPES -	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPARDES -	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
MPROCIAMB -	Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais
PSF -	Programa Saúde da Família
UFPR -	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 ÁREA DE ESTUDO	17
1.2 METODOLOGIA	20
2 EM BUSCA DA LITERATURA	22
3 “MULHERES DE FÉ”: AS BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE MATINHOS	25
3.1 DESAFIOS DO TRABALHO DE CAMPO	26
3.1.1 No rastro das benzedadeiras	27
3.1.2 Trajetória de iniciação e as teias de reciprocidade do dom	41
3.1.3 O processo de reconhecimento e legitimação das benzedadeiras	44
3.2 ELEMENTOS QUE COMPÕEM O REPERTÓRIO DE SABERES E FAZERES DAS BENZEDEIRAS	46
3.2.1 Fé e Dádiva	46
3.2.2 A reza e os gestos da benzedeira	48
3.2.3 O altar da benzedeira	51
3.2.4 Doenças de benzedeira	52
3.2.5 Quem procura a benzedeira	56
4 HIERARQUIA DOS SABERES E OS PAPEIS SOCIAIS DE GÊNERO	57
5 DAS CURANDEIRAS MEDIEVAIS ÀS BENZEDEIRAS ATUAIS	63
5.1 O ESTIGMA QUE ACOMPANHA A MULHER BENZEDEIRA	63
6 CONSIDERAÇÕES, REFLEXÕES E ANÁLISES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

O município de Matinhos, no litoral do Estado do Paraná, sul do Brasil, possui aproximadamente 35 mil habitantes. Banhado pelas águas do oceano Atlântico, parte da extensão do território do município representa os últimos remanescentes contínuos de Floresta Atlântica costeira do Brasil que ainda encontram-se relativamente bem conservados (TIEPOLO, 2015).

De acordo com Tiepolo (2015, p.105) “neste ecossistema biodiverso, coexistem populações e comunidades autóctones indígenas, e comunidades com características tradicionais, reconhecidas como caiçaras¹”. Também é significativa a presença da população de afro-brasileiros e descendentes de europeus (BIGARELLA, 1999; TIEPOLO, 2015).

Como parte integrante desta diversidade cultural, estão as benzedeiras ou rezadeiras, mulheres que realizam, através de seus repertórios de saberes e fazeres, práticas ritualizadas de cura, denominados aqui como benzimentos ou benzeções. Os benzimentos consistem em rezas, orações, súplicas e preces com o “objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual” (SANTOS, 2016, p. 13) das pessoas que buscam a ajuda das benzedeiras.

As benzedeiras, no município de Matinhos, são parte integrante da diversidade sociocultural e ambiental da região. Em suas práticas, as benzedeiras ativam e mobilizam conhecimentos, coisas, pessoas, santos e santas, espíritos, forças e poderes que pelas mãos dessas mulheres são postos em conexão, naquilo que denominamos “sistemas de benzer”.

Conhecer e registrar os repertórios de saberes e fazeres dessas de benzedeiras em Matinhos motiva e se configura como objetivo maior deste estudo, suscitando uma série de questões que merecem uma análise mais substantiva. No caso desta pesquisa, escolhemos aprofundar as seguintes questões: Quais são as principais sujeitas que integram os sistemas de benzer no município de Matinhos? E quais os elementos materiais e imateriais que integram o repertório de saberes e fazeres dessas benzedeiras?

A prática de benzer e seus desdobramentos instauram uma série de prestações e contra prestações, que envolvem as benzedeiras em relações sociais

¹ Sobre caiçaras ver Diegues (2004).

que se desdobram também no âmbito espiritual, da flora e da fauna, ou seja, da natureza e da sobre natureza. É a partir do princípio da reciprocidade, do dom/dádiva que Marcel Mauss abordou em seu estudo clássico “Ensaio sobre a Dádiva” (2003) que buscamos compreender essas relações, as condições objetivas e subjetivas de reprodução dos sistemas de benzer no município de Matinhos, apontando as teias de reprodução/manutenção destes sistemas, ou seja, seu horizonte de continuidade, mas também mostrando as tensões e dificuldades que os constroem.

Ao mobilizar matérias e energias, ativando as representações e as crenças que articulam os sujeitos na busca da saúde, da cura, da abundância, da realização material e espiritual, as benzedeadas fazem circular dons e dádivas, misturando e reativando a reciprocidade – força motriz da vida em sociedade (MAUSS, 2003).

Como tecelãs ativas dessa realidade, as benzedeadas figuram como elos na teia da vida, tecendo, fiando, juntando e separando as coisas num mundo sempre em transformação. Nessa perspectiva da teia da vida, compreendemos os sistemas de benzer como sistemas vivos, onde a tradição é simultaneamente reprodução e criação, continuidade e improviso (INGOLD, 2012).

Partimos do pressuposto que os saberes e fazeres das benzedeadas residentes em Matinhos mobilizam conhecimentos, valores e saberes próprios dos segmentos populares, num mundo que, embora epistemologicamente diverso, sofreu um processo de homogeneização sob o pretexto da ‘missão colonizadora’. Através da intervenção política, econômica e militar do colonialismo (SANTOS, 2004), suprimiram e marginalizaram a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo, gerando o que Santos (2009) chamou de epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais/autóctone perpetrada por um conhecimento exógeno/alóctone. Portanto, o recorte temático desta pesquisa é sensível à cosmovisão e ao caráter pluriverso do repertório de saberes e fazeres, praticado por um grupo social de maioria feminina, dado este verificado durante campo, ao encontrarmos apenas mulheres benzedeadas no município de Matinhos.

Nesse sentido o estudo também busca visibilizar e afirmar a experiência histórica dessas mulheres, especialmente no âmbito escolar, onde o conhecimento pode significar um caminho poderoso para uma maior tolerância religiosa, epistemológica e da diversidade.

Buscando uma rota de aproximação com o repertório de saberes e fazeres das benzedeiras residentes no município de Matinhos, optamos pelo método de pesquisa etnográfico, utilizando como principal ferramenta a observação participante. Este caminho aponta as possibilidades para construção de uma descrição densa, nos termos de Clifford Geertz (2008). O trabalho de campo aconteceu entre os meses de junho de 2017 e junho de 2018.

Nessa inspiração, este estudo de caráter etnográfico buscou um percurso metodológico que possibilitasse identificar as sujeitas, os elementos e os espaços que integram a teia viva de reciprocidade das benzedeiras em Matinhos, enquanto sujeitas inscritas em sistemas de dom/dádiva que abrangem relações sociais, ambientais e espirituais, apontando as linhas de continuidade, criação e as principais dificuldades enfrentadas na reprodução cotidiana do repertório de saberes e fazeres das benzedeiras.

Entendendo a observação participante como processo central na pesquisa, minha experiência em campo é parte indissociável da descrição etnográfica, que abarca também o contexto sócio histórico diversificado das benzedeiras, os processos de iniciação e legitimação pelo qual passaram em suas trajetórias biográficas, seus ambientes espaços de vida, a relação com os sujeitos que buscam o benzimento, as doenças que curam, os males que benzem, os elementos materiais e imateriais que integram as práticas ritualizadas de cura e os processos terapêuticos e simbólicos que estão envolvidos.

De modo complementar, busquei investigar brevemente o estigma social (GOFFMAN, 1988) que acompanha a figura da mulher benzedeira, traçando um paralelo entre as curandeiras medievais e as benzedeiras atuais.

É do nosso conhecimento os processos históricos de perseguição e repressão às mulheres curandeiras na Idade Média. Estes processos contribuíram para o fortalecimento de uma hierarquia entre os papéis sociais que homens e mulheres ocupam na sociedade (EHRENREICH; ENGLISH, 2017).

No imaginário social as mulheres curandeiras sofreram perseguições e foram estigmatizadas sob várias designações ao longo do tempo, colocando-as em posições ambíguas: curadoras, benzedeiras, bruxas e feiticeiras, dentre outras. Isso apenas demonstra o universo dual que as qualifica tanto para o bem, quanto para o mal. Retornar a este fenômeno histórico é importante se quisermos compreender a misoginia que ainda caracteriza a prática institucional e as relações entre homens e

mulheres em nossa atual sociedade (FREDERICE, 2004). Embora este não seja o foco desta pesquisa, levantar estas questões, mesmo que brevemente, traz considerações votivas para futuras discussões sobre o tema.

O contexto escolhido para a pesquisa de campo, como anunciado no início desta introdução, foi o município de Matinhos. Localizado na região litorânea do Estado do Paraná, é o local onde resido, estudo e trabalho há aproximadamente quatro anos.

Escolhi as benzedeiras como sujeitas da pesquisa por perceber que, contrariando o que comumente fez-se crer, e apesar do tempo e dos avanços do saber médico instituído, as benzedeiras nunca desapareceram e a tradição do benzimento persiste em nossa moderna sociedade capitalista globalizada. Ainda existem aquelas pessoas que procuram as benzedeiras e curandeiras, em busca de cura para suas doenças ou um alívio para suas dores. Efetivamente, foi possível registrar durante a pesquisa que “essas mulheres, que aplacam enfermidades, mitigam a morte e trazem vida ao seu entorno” (CAMÂRA; MINGO; CAMÂRA, 2016, p. 225) ainda são encontradas no município de Matinhos.

Contudo o motivo primordial para eleger as benzedeiras como sujeitas desta pesquisa, reside em meu particular interesse e curiosidade pela temática. Não é possível datar com precisão quando surgiu meu interesse pelos saberes e fazeres ancestrais, mas posso afirmar que vêm de muito tempo. Desde a infância, cultivo verdadeiro respeito e admiração pelos saberes e fazeres das pessoas mais velhas, sobretudo quando as vozes do enredo são femininas.

Recentemente, ao receber a visita de uma tia querida, fui lembrada de episódios da infância, em que eu, uma criança tímida, de poucas palavras, encontrava refugio entre as plantas do quintal de minha avó. Meu lugar preferido, mágico, onde dar nomes as plantas e “identificar” seus usos e benefícios refletiam minha criatividade infantil e minha conexão com estes elementos ancestrais que integram a teia da vida.

Para além, minha formação como cientista social e a atração como educadora, transpõe esse interesse primordial para a esfera profissional, motivando a intensão de contribuir para o reconhecimento, difusão e valorização do patrimônio cultural associado as benzedeiras. A pesquisa, nesse sentido, potencializa minha prática como educadora, permitindo o aprofundamento em um tema de relevância ao campo da educação para a diversidade.

A etapa inicial da pesquisa envolveu um levantamento de estudos e trabalhos que abordassem o tema benzedadeiras. Realizei buscas em plataformas, periódicos e acervos digitais em busca de material a respeito da temática, utilizando a palavra-chave “benzedadeiras” para refinar os resultados. Para minha surpresa encontrei mais de quatrocentos títulos que abordam essa temática em diferentes áreas, mas, sobretudo, nas ciências humanas e sociais.

1.1 ÁREA DE ESTUDO

O município de Matinhos/PR trata-se de um dos sete municípios que compõe o litoral do Estado do Paraná, está localizado no sul do Brasil e encontra-se a 110 km da capital Curitiba. O município possui 17 balneários e aproximadamente 17 km de orla marítima. Aproximadamente 82% do território do litoral do Paraná é coberto por Unidades de Conservação e/ou áreas protegidas, o município de Matinhos, por sua vez, possui cerca de 27% da sua área neste mesma situação (DENARDIN; LOUREIRO; SULZBACK, 2008).

Envolto por uma aparente proteção ambiental, o litoral do estado do Paraná revela-se como área de elevada tensão ecossistêmica e social, percebida sobretudo pelas suas características naturais, mas especialmente pelo seu crescimento populacional, desigualdades sociais e pelas rápidas transformações nas dinâmicas de uso e ocupação do solo. (TIEPOLO, 2015, p. 101).

Tendo em vista sua orla balneável, neste contexto litorâneo, o município de Matinhos configura-se como uma região de grande vulnerabilidade socioambiental (TIEPOLO, 2015). Segundo dados do censo realizado pelo IBGE (2017) o município de Matinhos possui 33.450 mil habitantes, sendo um município de características sazonais, são destaques as atividades econômicas características do turismo, comércio e entretenimento, aquecidas no período de dezembro a fevereiro, quando passam pela região um número superior a um milhão de visitantes. Dentre as outras atividades econômicas mais significativas estão, a indústria, a construção civil e a pesca.

De acordo com Bigarella (1999), os sambaquis revelam os primeiros vestígios da presença humana em Matinhos, datando de três a cinco mil anos atrás. Na continuidade dos povos dos sambaquis, a literatura colonial registra, desde o

período da conquista no litoral paranaense, a presença de populações ameríndias relacionadas ao tronco tupi-guarani, sob a denominação “carijós” (LADEIRA, 2001). As territorialidades Mbyá Guarani que atualmente vivem no litoral paranaense configuram linha de continuidade histórica com os processos de ocupação carijó (LADEIRA, 2001).

Ladeira (2001) menciona o foco inicial de povoamento colonial do Paraná na ilha “Nossa Senhora das Mercês da Cotinga”, por volta de 1560, sendo o povoamento colonial inicial composto por “degredados” ou náufragos de expedições anteriores. Esses primeiros povoadores teriam partido de Cananéia, guiados pelos “carijós” e seguindo suas linhas de deslocamento entre águas e terras, instalaram-se na ilha da Cotinga, onde permaneceram cerca de vinte anos. Dali expandiram-se para as margens do Rio Taguare (atual Itiberê) onde, quase um século depois, foi fundada a vila de “Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá”, em 29 de julho de 1648, mobilizada pelo “ciclo do ouro”. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, um grande contingente de população negra escravizada aportou em Paranaguá.

Ao longo do século XX, as dinâmicas de desmatamento regional e local, implicaram na ampliação do Porto de Paranaguá – importante polo nas rotas comerciais - (...) nos territórios e coletividades Mbyás Guarani (FREITAS, 2016).

Somente em meados do século XIX teve início a colonização de Matinhos (BIGARELLA, 1999). Segundo Diegues (2004), a população presente na ampla região litoral que se estende do sul do Estado do Rio de Janeiro até o Paraná enquadra-se na tipocosta social das coletividades “caiçara” e resulta de um processo intercultural que reúne matrizes negras, guaranis, e portuguesas coloniais. Essa seria a base da diversidade sociocultural da região, sobre a qual outros processos de fluxo sociocultural incidem ao longo dos séculos XX e XXI.

O processo de urbanização de Matinhos é marcado pela sazonalidade vinculada ao turismo de veraneio, com forte expansão da indústria imobiliária sobre os ambientes e comunidades locais. A verticalização de Caiobá - o balneário mais conhecido e elitizado - contrasta com a precarização de acesso a políticas públicas de saúde e educação voltada à realidade local.

Os territórios e a existência de comunidades caiçaras, pescadores artesanais, agroflorestais, são tensionados pela expansão urbana e projetos de desenvolvimento nas áreas de turismo e portos (HARDER; FREITAS, 2015).

A implantação do Setor Litoral da UFPR, inaugurado em Matinhos em 2005, transformou a dinâmica sociocultural do município. Com a chegada da universidade, vieram também estudantes e professores, de diversas localidades do país. Preocupado com a formação profissional e o envolvimento da comunidade, o Setor Litoral da UFPR aproximou da comunidade local a possibilidade de acesso à universidade pública.

O Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral da UFPR recomenda que a realidade local do litoral paranaense seja respeitada e trabalhada em seus cursos de graduação e pós-graduação, através da pesquisa e extensão. Este incentivo gerou na última década, um aumento significativo de pesquisas e produção de conhecimentos sobre as populações e ambientes locais.

No que concerne aos programas e serviços de saúde disponibilizados pelo Sistema Único de Saúde o município de Matinhos conta hoje com um Hospital Municipal de pequeno porte, localizado no bairro Tabuleiro. Na atenção básica o município conta com 08 Unidades Básicas de Saúde e como está definida pelo Ministério da Saúde, a equipe básica do PSF é composta por um médico de família, ou generalista, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e os agentes comunitários de saúde, cada um com sua atribuição específica (IPARDES, 2017), dentre outras clínicas e consultórios particulares.

No âmbito desta sociobiodiversidade, o sistema religioso também revela a complexidade e a diversidade cultural da região. Além de igrejas católicas, há um grande número de igrejas das religiões pentecostais e neopentecostais, que povoam a cidade com seus templos, dentre os quais alguns terreiros de umbanda e candomblé e centros espíritas, invisibilizados, podem ser localizados.

De acordo com os dados do censo de 2017 realizado pelo IBGE, a maioria da população de Matinhos define-se como católica. Aproximadamente 17.000 pessoas declararam-se católicas, 8.000 evangélicas, 490 espíritas e 2.500 sem religião, as demais pessoas dividem-se, com números menos expressivos, entre judeus, budistas, umbandistas, candomblecistas e tradições esotéricas. A religiosidade Guarani não consta no censo, mas há 7 comunidades Guarani que praticam sua religiosidade nas suas casas de rezas (opy) (FREITAS, 2016).

É importante ressaltar, que nem sempre as informações censitárias indicam a real complexidade da dinâmica e do movimento religioso de um espaço. Seja, pelas limitações metodológicas, seja pelo “ato político” que acompanha a declaração

em um censo. Como afirma Mafra (2004) os números não são neutros, eles revelam identidades sociais, o que pode ser perigoso numa sociedade marcada pela intolerância e pelo preconceito.

1.2 METODOLOGIA

Buscando uma rota de aproximação com os saberes e fazeres das benzedadeiras interlocutoras desta pesquisa, buscamos neste estudo um percurso etnográfico, baseado na observação participante, na intenção de construir uma descrição densa (GEERTZ, 2008), e tendo por foco o repertório de saberes e fazeres que integram os sistemas de benzer dessas mulheres.

Como aponta o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2000) a principal hermenêutica do método etnográfico é a relação dialógica, onde o pesquisador e seu informante transformam-se em interlocutores, numa relação de reciprocidade, em outras palavras, numa relação de troca. Para o autor, a relação dialógica conduz as partes envolvidas a uma compreensão dupla, onde o outro é igualmente estimulado a nos compreender, “isso ocorre graças á ampliação do próprio horizonte da pesquisa, incorporando em alguma escala o horizonte do outro” (OLIVEIRA, 2000, p. 68).

Contudo, Oliveira (2000, p.68) enfatiza que nessa “fusão de horizontes” é importante o pesquisador abrir espaço a perspectiva do outro sem abdicar da sua, “uma vez que o seu esforço será sempre o de traduzir o discurso do outro nos termos do próprio discurso de sua disciplina”.

O grande desafio da boa etnografia é estabelecer a interlocução, como aponta Oliveira (2000), descrever e interpretar as práticas sociais a luz dos seus significados, a partir da interpretação dos sistemas simbólicos que orientam tais práticas. Para tanto o registro se torna imprescindível, o diário de campo ou o caderno de notas ainda é o grande espaço de registro de uma etnógrafa. As notas dispersas de campo ganham consistência na medida em que se somam com o aprofundamento dos estudos teóricos, a ponto de podermos “ver”, “ouvir” e “escrever” as categorias e conceitos operando na observação e descrição da vida social.

Filiado a uma perspectiva antropológica e etnográfica de ênfase interpretativa Geertz (2008), destaca a importância da constante busca antropológica

de compreensão do mundo nativo em seus próprios termos, ou seja, enxergar o mundo segundo o ponto de vista do nativo, buscando compreender os significados atribuídos pelos nativos as suas práticas e representações. Portanto, o método etnográfico se mostra tão pertinente. Para Geertz (2008) a etnografia é uma descrição densa, composta por uma série de elementos que devem primeiro ser apreendidos e depois apresentados.

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 2008, p.7).

Construir uma descrição densa exige interpretar e elaborar uma leitura da leitura que os nativos fazem da própria cultura (GEERTZ, 2008). Portanto, a observação participante, “estar lá”, ou seja, a presença no campo é a mais importante via de acesso ao conhecimento perseguido em um estudo etnográfico. A opção pelo método etnográfico permitiu, a partir da experiência de imersão no universo das benzedeiras, observar descrever e interpretar aquilo que Geertz (2008) denominou conhecimento ou saber local.

Ainda sobre o campo antropológico Bronislaw Malinowski, em sua clássica obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978) nos ensina: a observação participante é um caminho para o exercício da prática etnográfica e exige um tempo de imersão no mundo do “outro”, portanto, nada mais fundamental e efetivo para compreendermos o ponto de vista, sua relação com a vida e a visão de mundo dos sujeitos pesquisados, do que ir e viver entre eles durante um período de tempo.

Outros recursos utilizados pela etnógrafa são tabelas e mapas. Neste estudo, estes recursos permitiram identificar e comparar idade, tempo de atuação, religião, estado civil, a teia de reprodução do dom e os elementos, materiais e imateriais utilizados/invocados durante os rituais de benzimento, de cada benzedeira, assim como identificar e espacializar as localidades de suas residências. Estes elementos foram compondo o registro da experiência etnográfica, alicerçados em diversas situações de entrevista ou simplesmente de observação e convivência.

Na escrita etnográfica, os dados da observação participante dialogaram com a literatura pesquisada, compondo um texto em que as vozes das benzedeiras, dos pesquisadores consultados, da autora e da orientadora deste estudo se entrelaçam.

A pessoa narrativa deste texto vai refletir esse movimento, das múltiplas vozes, ora no singular, em primeira pessoa, quando evidencia a experiência da etnógrafa/autora, ora no plural quando reflete os diálogos e suas enunciações. Essa é uma opção da estética etnográfica deste texto.

2 EM BUSCA DA LITERATURA

Anterior à pesquisa de campo, iniciei um levantamento bibliográfico que abordasse o tema “benzedadeiras”. Entre os meses de junho de 2017 e junho de 2018 realizei pesquisas em plataformas, periódicos e acervos digitais em busca de material a respeito da temática, utilizando a palavra-chave “benzedadeiras” para refinar os resultados.

Ao acessar o Sistema de Bibliotecas da UFPR, encontrei aproximadamente quatrocentos títulos que discorriam sobre o tema benzedadeiras. São artigos, dissertações, teses e livros, a maioria no campo das ciências humanas e sociais, os demais trabalhos pertenciam às áreas de saúde e etnobotânica.

No Catálogo de Teses e Dissertações da Capes encontrei um total de setenta e oito resultados para o termo benzedadeiras. São sessenta e três dissertações de mestrado e quinze teses de doutorado. A maioria dos trabalhos são da área das ciências humanas (35) e ciências da saúde (14), às demais áreas com números menos expressivos de produção, são às ciências biológicas, agrárias, sociais aplicadas e linguística, letras e artes.

Dentre os trabalhos relacionados às benzedadeiras encontrei autoras e autores brasileiros que focam diretamente o tema. Podem ser citados: Oliveira (1983), Maluf (1993), Quintana (1999), Araújo (2004) e Santos (2016).

Para introduzir a discussão acerca das benzedadeiras busquei na literatura produzida, por pesquisadoras e pesquisadores que tratam o tema no campo das ciências humanas e sociais. Como ponto de partida foi fundamental definir o conceito de benzedeira.

Para a antropóloga Sônia Maluf (1993) as benzedadeiras são:

As mulheres que, detendo determinados conhecimentos curativos, sobre ervas medicinais, sobre rezas e benzeduras, sobre o parto e o cuidado dos bebês recém-nascidos e tendo o poder e o reconhecimento dos procedimentos rituais para enfrentar ou proteger dos malefícios, como

quebranto, mau-olhado, feitiçaria e bruxaria, são vistas como “especialistas” nestas questões pelos outros moradores do lugar (MALUF, 1993, p. 119).

De acordo com a definição de Maluf (1993), as benzedeiras são “especialistas” nas questões relacionadas ao cuidado e detêm determinados conhecimentos curativos. Para Dias e colaboradores (2017):

As benzedeiras são mulheres que agem no decorrer da história com um único objetivo, ajudar aos outros. Elas praticam o ato do benzimento sem cobrar nada em troca. São pessoas simples, solidárias, e donas de saberes e fazeres que passam de geração para geração. Essas benzedeiras são pessoas carismáticas com muitos conhecimentos. (DIAS et al; 2017, p.69).

Atendo-se á discussão material, Dias e colaboradores (2017) enfatizam a dádiva, ou ajuda ao outro, sem analisar os dons e contraprestações, sinônimos que circulam nos sistemas de benzer.

Moura (2011, p. 344) em seu trabalho *Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção*, fortalece a definição da autora supracitada, quando, conceitua o benzedor ou benzedeira como sendo “sujeito que cura por meio de orações, simpatias e remédios naturais em sua própria casa, sem cobrar por isso”.

No *Dicionário do Folclore Brasileiro* organizado por Cascudo (2001), um dos grandes estudiosos da cultura popular, não encontrei o termo benzedeira, e sim rezadeira, definida como:

Mulher, geralmente idosa, que tem poderes de cura por meio de benzimento. A rezadeira, especialista em quebrando, mau-olhado, vento-caído, enquanto reza em cruzeiros sobre a cabeça do doente com pequenos ramos verdes, que vão murchando por adquirir o espírito da doença que fazia mal. (CASCUDO, 2001, p. 587).

Elda Rizo de Oliveira (1985), em sua obra *O que é benzeção*, referindo-se a imagem que se tem das benzedeiras, escreve:

Geralmente é a de que seja uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde àquilo que é a benzedeira. Ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular. (OLIVEIRA, 1985, p.25).

Em comum, todas as definições supracitadas, apresentam a benzedeira como uma mulher detentora de conhecimentos curativos. Dotadas de poder e reconhecimento, as benzedeadas são apresentadas como mulheres que utilizam seu repertório de fazeres e saberes sobre ervas e remédios naturais, rezas, simpatias e benzimentos com o objetivo de ajudar aos outros.

Este estudo etnográfico, focalizando as benzedeadas como sujeitas que mobilizam ativamente matérias e energias em círculos de reciprocidade, onde dom/dádiva e o contra dom/contra dádiva instauram prestações e contra prestações (MAUSS, 2003) nos impele a avançar em outra direção. Buscamos alcançar outros “objetos” ou intencionalidades que motivam as benzedeadas a fazer circular dons/dádivas nos sistemas de benzer, ir além da “ajuda ao outro”, geralmente enfatizada na literatura.

Embora o foco desta pesquisa esteja centrado no repertório de saberes e fazeres das benzedeadas, e como estes configuram-se no dia-dia, não podemos deixar de recorrer a estudos já produzidos sobre a temática, pois são através deles que encontramos os pontos de partida para iniciar importantes reflexões.

Como exemplo disso Oliveira (1985) aponta que a maioria das benzedeadas se considera católica, mas nem sempre frequentam a igreja. Durante a pesquisa de campo, pude verificar esse dado. Das três benzedeadas pesquisadas, duas são católicas, destas, uma delas, embora declaradamente católica, me informou que já não frequenta mais a igreja, por conta da idade e pelas dores no corpo que a impediam de caminhar.

Outro aspecto apontado por Oliveira (1985) indica que as benzedeadas ou rezadeiras desenvolvem meios para se adaptar e criar estratégias para coexistirem no meio urbano. “Elas criam e recriam um aspecto importante da cultura popular: o de produzir curas e o de tornar vivas e sólidas as relações entre as pessoas” (OLIVEIRA, 1985, p. 15).

Quintana (1999) aborda uma discussão a respeito do processo de iniciação e transmissão dos saberes das benzedeadas. O processo de iniciação é correlacionado às formas como cada uma recebeu, aprendeu e iniciou o ofício de benzer e pode variar de acordo com cada caso. Geralmente os ensinamentos são transmitidos através de antecessoras ou antecessores, familiares próximos, avós, avôs, mães, pais, ou ainda, vizinhas e vizinhos. Mas há também as benzedeadas que definem o dom e seu conhecimento como fruto de um presente divino, estas teriam

sido escolhidas por Deus, para benzer as pessoas, já que não aprenderam o ofício com nenhuma outra benzedeira.

Sobre estes dois tipos de aprendizagem, Quintana (1999) afirma:

Em todos os casos estudados, a formação da benzedeira depende de uma aprendizagem assistemática, mas que, a rigor, pode ser dividida em tipos: aquela que é resultado de um processo imitativo e a que é consequência de uma experiência sobrenatural. (QUINTANA, 1999, p. 53).

Ainda no que se refere a revisão de literatura sobre o tema, o trabalho de pesquisa de Hoffmann-Horochovski (2015), realizado a partir de relatos orais de benzedeadas no litoral paranaense, trouxe contribuições pertinentes. O recorte da autora optou por aprofundar e discutir o benzimento, como prática que sobrevive em tempos atuais apesar da hegemonia do pensamento biomédico, em seus aspectos mais gerais.

Outro trabalho de pesquisa da mesma autora discorre sobre o modo de vida das mulheres benzedeadas e reforça a afirmação de que a velhice no século XXI abrange múltiplas práticas e expressões, e dentre todas as possibilidades está o benzimento (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012).

Outro trabalho que traz importantes contribuições para pensarmos as benzedeadas e seu repertório de saberes e fazeres, é o de Cruz (2017), o qual realizou uma dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas da UFPR, sobre uma festa religiosa que ocorre no município de Matinhos desde 1992: a festa de São Cosme e São Damião, realizada por uma benzedeira.

Para além da discussão de autoras e autores que tratam da temática das benzedeadas de forma mais específica, para compor a discussão teórica deste estudo, outros autores serão convidados a dar sua contribuição, sobretudo, o sociólogo e antropólogo Marcel Mauss, com a teoria do dom/dádiva, o sociólogo Boaventura de Souza Santos, com o importante conceito de “Epistemicídio”, e o cientista social Ervin Goffman, com sua discussão acerca do estigma e identidade social.

3 “MULHERES DE FÉ”: AS BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE MATINHOS

3.1 DESAFIOS DO TRABALHO DE CAMPO

A partir dos estudos de Geertz (2008) e Oliveira (2000), elegi conceber o texto etnográfico a partir da articulação entre a história, as representações coletivas do grupo e a subjetividade dos indivíduos/sujeitos da pesquisa. Nessa perspectiva as ferramentas e os métodos antropológicos, muitas vezes trouxeram a tona aspectos que transcendem o modo de ser benzedeira, evidenciando o caráter diverso das suas biografias, trajetórias de vida, cosmovisões, vivências e experiências específicas de cada uma delas.

Munida das ferramentas metodológicas da antropologia e os aportes das ciências ambientais, buscamos situar a pesquisa na perspectiva socioambiental. Frente a esse desafio, permaneci em campo realizando a etnografia e a observação participante, vendo, ouvindo e dialogando de forma mais intensa, entre os meses de junho de 2017 e junho de 2018, sendo que entre os meses de dezembro de 2016 e março de 2017 realizei o que chamei de levantamento preliminar e primeiras visitas de reconhecimento.

Na abordagem socioambiental, nos interessa situar as práticas e matérias mobilizadas pelas benzedadeiras em uma perspectiva dos ambientes, sujeitos e elementos destes ambientes articulados nos sistemas de benzer. No sentido de uma ecologia dos saberes (SANTOS, 2004; 2009), os saberes, práticas, matérias e sujeitos são mobilizados, em uma perspectiva relacional, ecológica. Águas, pessoas, plantas, crenças, doenças, pedras, ventos, santos e santas, integram esses sistemas.

As primeiras visitas realizadas às benzedadeiras tiveram como objetivo confirmar as informações acerca da localização das suas residências, levantadas durante reconhecimento da espacialidade. Com um cronograma de visitas pré-estabelecido reservei às sextas feiras de cada semana para realização das visitas às suas casas. A escolha deste dia se deu, sobretudo pelo fato de ser meu dia de folga no trabalho.

Durante vários momentos do trabalho de campo me deparei com situações que interferiram na realização da pesquisa. Dentre essas situações, houve dias em que não encontrei as benzedadeiras em suas casas, ou que em virtude do número de pessoas aguardando atendimento não foi possível conversar com elas, este fato se repetiu mais de uma vez com as benzedadeiras Dona D e Dona N.

Outra situação foi uma viagem longa da benzedeira Dona I a São Paulo para visitar a família, que fez com que ficássemos alguns meses sem nos encontrarmos. Mas, com certeza, o fato que inevitavelmente mais afetou a realização do trabalho de campo foi a morte, inesperada e trágica da benzedeira Dona D.

Em 22 de junho de 2018 a benzedeira Dona D foi morta dentro de casa. Segundo informações policiais divulgadas, a benzedeira teria sido surpreendida em sua residência por dois homens que bateram a sua porta. Ainda segundo informações da polícia, teriam sido subtraídos eletrodomésticos da casa da benzedeira, qualificando o crime como latrocínio.

Dona D costumava atender a todos que chegavam a sua casa, sem distinções, sempre muito solícita e amável, era muito estimada pela comunidade. Sua morte chocou e comoveu a todos.

Ainda que a polícia tenha sua própria teoria a respeito da morte da benzedeira, muitos detalhes na cena do crime levantaram uma série de suspeitas na comunidade, este foi o principal motivo pelo qual decidi salvaguardar a identidade das interlocutoras benzedeirosas. Em contextos sociais de preconceito e intolerância, em que o fundamentalismo religioso e o estigma social podem muitas vezes se materializar em situações de violência, preservar o nome e a identidade de minhas interlocutoras me pareceu a decisão mais sensata no momento, portanto, no decorrer do texto, utilizarei apenas as iniciais de seus nomes.

3.1.1 No rastro das benzedeirosas

A busca pelas benzedeirosas residentes em Matinhos teve início entre os meses de dezembro de 2016 e março de 2017, período de recesso escolar, em que eu me encontrava de férias. Residente do bairro Tabuleiro, bairro periférico e também bastante tradicional em Matinhos, já havia ouvido falar inúmeras vezes, através de minhas vizinhas e vizinhos sobre a benzedeira Dona N, que residia na mesma rua que eu, apenas alguns quarteirões de distância.

Foi mais ou menos por este período que realizei minha primeira visita à Dona N, a fim de confirmar o local da sua moradia e receber suas dívidas na qualidade de paciente. Na ocasião fui acompanhada de uma amiga e, assim como os outros pacientes, aguardamos na varanda da casa da benzedeira, acomodadas em cadeiras e sofás dispostos no local. Nesta visita pude perceber que Dona N era

uma benzedeira bastante procurada, pela quantidade de pessoas que aguardavam atendimento, homens, mulheres e crianças.

Quando chegou minha vez de ser atendida, a benzedeira Dona N, de dentro da salinha sem porta onde realiza os atendimentos, chamou pelo próximo. Percebi que a ordem de chegada é religiosamente respeitada, uma vez que uma fila não é formada, e é necessário que as pessoas que chegaram primeiro indiquem quem será o próximo a receber atendimento.

O benzimento não dura mais que cinco minutos, dentro da sala há uma cadeira, onde o paciente senta voltado para o altar. Sob o altar uma série de imagens de santos católicos e outras imagens sacras, velas acesas, um rosário e um copo com água com um ramo de arruda dentro. A benzedeira perguntou meu nome e minha profissão, e demonstrou especial afeto quando escutou que sou professora, fato este que se repetiria em outras ocasiões de visita.

Com o sinal da cruz iniciou o benzimento, movimentando o ramo de arruda banhado na água do copo e proferindo preces e orações, algumas palavras de difícil compreensão mas em alguns trechos foi possível perceber que a benzedeira pedia proteção para o paciente e que nunca faltasse o “dinheirinho” tão necessário.

Após o benzimento, Dona N me entregou algumas velas e pediu que as acendesse na capelinha construída em seu quintal para este fim. Cada vela deveria ser dedicada a santos católicos indicados por ela.

“- Santo expedito para nunca faltar o dinheirinho. Cosme e Damião para seus alunos e Santa Rita para sempre ter trabalho.”
(Benzedeira Dona N)

A capelinha fica na varanda em frente a sala onde a benzedeira atende aos pacientes. É um quarto pequeno com aproximadamente dois metros quadrados, uma janela pequena e um suporte para velas. Acendi as velas como orientou a benzedeira e me retirei da capela para que os outros pacientes, que já haviam sido benzidos, pudessem fazer o mesmo.

Durante levantamento bibliográfico foi possível encontrar uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da UFPR, que tem como tema a benzedeira Dona N. Neste trabalho havia cópias de notícias em sites da internet falando sobre a realização da “Festa de São Cosme e São Damião da Dona

N Benzedeira” no ano de 2004; uma cópia do Certificado de Menção Honrosa oferecido à Dona N, no ano de 2012, pela Loja Maçônica Estrela do Mar nº 1912, em agradecimento aos serviços prestados à comunidade matinhense; e uma cópia de uma nota no Jornal “O Imparcial” de 25 de setembro de 2014, noticiando que Dona N receberia o título de Cidadã Honorária Matinhense (CRUZ, 2017).

Depois desta primeira visita a benzedeira Dona N, segui investigando a existência de outras benzedeiras que pudessem contribuir com minha pesquisa. Por meio de inventário indireto, através de conversas com diferentes grupos de sujeitos, de modo informal, perguntava: “você conhece ou já frequentou alguma benzedeira em Matinhos?”. Entre os interlocutores estavam: colegas de trabalho, vizinhos e amigos.

Esta metodologia se desdobrou para o espaço formal de ensino, onde na qualidade de professora da disciplina de sociologia no Colégio Estadual Gabriel de Lara e no Colégio Estadual Sertãozinho, dois dos maiores colégios estaduais do município, colocava aos estudantes e aos colegas de trabalho essa mesma questão.

Foi através de uma amiga do mestrado que recebi indicação da benzedeira Dona I, residente no Balneário Rivieira, e de minhas alunas e alunos a indicação da benzedeira Dona D, moradora do bairro Sertãozinho.

Minha primeira visita a benzedeira Dona I foi acompanhada da amiga que me falou sobre a benzedeira. Vizinhas de longa data, minha amiga me relatou que Dona I benze sua família há muitos anos. Ao chegarmos à casa da benzedeira, percebi que esta se localiza na área de entorno do Parque Estadual Rio da Onça.

A benzedeira Dona I nos recebeu na varada da sua casa, uma casa simples, presente de uma paciente satisfeita, que reside em Curitiba e visita Dona I com frequência. No mesmo quintal da benzedeira há mais duas casas, que pertencem às filhas e netos de Dona I. Ao contrário do que encontrei ao visitar a benzedeira Dona N, não havia pacientes a espera de atendimento, o que possibilitou que tivéssemos uma longa conversa com a benzedeira.

A presença da minha amiga e colega de mestrado foi importante nesta visita. Como já existia um laço de confiança entre ela e a benzedeira Dona I, senti que seria o momento para falar sobre minha pesquisa. À medida que falava sobre minhas intenções, a benzedeira com semblante desconfiado me questionava sobre o que eu gostaria de saber e por que. Já neste momento inicial me interrompeu e adiantou:

“- Mas o que você quer saber? Tem coisas que eu não posso contar!”
(Benzedeira Dona I)

Tranquilei Dona I sobre minhas intenções e disse que poderíamos começar com sua história de vida. Então por aproximadamente duas horas, Dona I falou sobre sua infância, com quem aprendeu e como começou a benzer, as dificuldades da vida e sobre os episódios de preconceito e intolerância que sofre.

Ao fim da nossa conversa, antes do sol se pôr, pedimos que Dona I nos benzesse. É na varanda de sua casa que Dona I realiza os benzimentos, com o paciente acomodado em uma cadeira, segurando uma pedra de vidro nas mãos, entregue pela benzeadeira. Ela se posiciona atrás do paciente e segura um terço suspenso sob sua cabeça.

Diferente da benzeadeira Dona N, Dona I fala pouco durante o benzimento, pronuncia algumas palavras inaudíveis e depois, em silêncio, analisa a pedra de vidro que pediu que o paciente segurasse. Ao fim do benzimento, nenhuma recomendação é feita pela benzeadeira, dependendo do caso, ela pede ou não para que o paciente volte mais duas vezes.

Durante os meses que seguiam realizei outras visitas à Dona I, às vezes sozinha, outras vezes acompanhada de amigas que gostariam de ser benzidas. Foi no retorno de uma destas visitas que tive meu primeiro contato com a benzeadeira Dona D.

Assim como a benzeadeira Dona N, a benzeadeira Dona D é uma das benzeadeiras mais conhecidas, e foi uma das mais citadas durante meu levantamento.

No retorno da visita à benzeadeira Dona I, na qual não a encontramos em casa, no caminho resolvi passar em frente ao local que minhas alunas e alunos indicaram como sendo a residência da benzeadeira Dona D. Ao chegarmos ao local indicado, uma senhora se encontrava em frente à casa podando algumas plantas. Estacionamos o carro e fomos ao seu encontro. Me apresentei e perguntei se ela era a Dona D que benzia, ela respondeu que sim, porém adiantou que no momento não estava atendendo, e só voltaria a benzer em janeiro, pois estava realizando uma reforma na casa e, com a proximidade das festas de fim de ano, andava muito ocupada.

Concordamos que retornaríamos ao fim de janeiro, e antes de nos despedirmos perguntei sobre as plantas que ela estava podando, Dona D então me respondeu que se tratava de um pé de mirra, planta medicinal, muito cheirosa e um ótimo repelente contra mosquitos e nos ofereceu algumas mudas.

Foi no segundo encontro com Dona D que conversamos sobre minha pesquisa e meu interesse em desvendar o repertório de saberes e fazeres das benzedadeiras em Matinhos. Cheguei à casa de Dona D por volta das dezesseis horas de uma tarde ensolarada, aproximadamente três meses após nosso primeiro encontro. Deixei minha bicicleta num banco de concreto ao lado de fora da casa e logo avistei uma senhora sentada na varanda. Aproximei-me do portão e perguntei se ela era Dona D, pois embora eu a tivesse encontrado há alguns meses não tinha certeza absoluta da sua fisionomia. A senhora me respondeu que não, informando que Dona D estava atendendo.

Vindo de uma sala anexa à residência, pude ouvir a voz de duas mulheres: uma delas indicava à outra o uso de uma erva para tratamento de algum mal. Passei o cadeado na bicicleta, perguntei à senhora sentada se podia entrar e ela respondeu que sim. Ao puxar o portão Dona D falou de dentro da sala:

“- Espere lá fora, moça, já te atendo!”
(Benzedeira Dona D)

Sentei-me no banco de concreto, onde ao lado havia algumas ervas, pude identificar um pé de mirra (de onde Dona D tirou mudas para mim em nosso primeiro encontro) e um pé de boldo, e lá aguardei minha vez.

Em menos de 10 minutos Dona D terminou o atendimento que fazia, despediu-se das duas senhoras, abriu o portão e me convidou para entrar. Aconselhou-me a colocar a bicicleta dentro do quintal, observando que tem se roubado muitas bicicletas na região. E então me encaminhou para a sala anexa. Na sala havia uma mesa redonda com uma toalha branca, em cima da mesa uma vela acesa, outros objetos, que não pude identificar, um quadro com a imagem de Jesus, e um livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” de Allan Kardec.

Ao lado da mesa havia dois bancos, sentamos. Dona D então perguntou:

“- O que você precisa minha filha?”
(Benzedeira Dona D)

Expliquei que estudava na universidade e que estava realizando uma pesquisa sobre as benzedadeiras que residem no Município de Matinhos. Dona D me perguntou como cheguei até ela e ficou feliz em saber que foi lembrada pelas alunas e alunos do colégio em que eu trabalhava. A benzedeira teve interesse em saber se eu já tinha visitado a benzedeira Dona N, aproveitando para relatar que em certa ocasião, já havia benzido Dona N.

Conversamos por aproximadamente 30 minutos. Dona D me contou sobre sua infância e seu dom, lembrando-se de como começou a benzer e das curas que já realizou. Falou bastante do espiritismo e de seus guias espirituais. Ao perceber que outros pacientes haviam chegado, Dona D me informou que iria me benzer, finalizando assim nossa conversa.

Dona D realizava o benzimento através da imposição das mãos. Em determinado momento tocou meus braços e ombros realizando movimentos de “limpeza” em meu corpo, esfregando suas mãos em sentido ao chão, enquanto repetia preces e orações. Ao fim do benzimento me perguntou o que eu havia sentido, e me falou um pouco mais sobre a presença dos guias que a orientavam e observavam tudo o que ela fazia. Agradei e fui embora prometendo que voltaria em breve para uma nova visita.

Importante salientar que durante esta etapa do levantamento preliminar, surgiram informações sobre outras benzedadeiras, porém apenas dados parciais, não verificáveis, como por exemplo, a referência à existência de benzedadeiras no Bairro Mangue Seco, mas sem citar nomes, dificultando o acesso a essas interlocutoras.

Em outras situações obtive nomes de benzedadeiras já falecidas que residiram e atuaram em Matinhos, e que ainda contam com elevada estima e prestígio social dentre os moradores do município. Foram elas: Dona F do bairro Rio da Onça, Dona A do Balneário Caiobá e Dona R do bairro Sertãozinho.

Recentemente, ao receber em minha residência uma agente de saúde do município, obtive a informação da existência de mais uma benzedeira que atua em Matinhos, seria ela Dona J, no bairro Vila Nova, que além de benzer também “tira cartas”.

Como resultado deste levantamento, obtive uma primeira lista de nomes associados a lugares, segue quadro com estas informações (QUADRO 1):

QUADRO 1 - LOCALIZAÇÃO DAS BENZEDEIRAS QUE INTEGRAM O ESTUDO

Benzedeiras	Localidade
Dona D (in memorian)	Bairro Sertãozinho
Dona N	Bairro Tabuleiro
Dona I	Balneário Rivieira
Dona J	Bairro Vila Nova
Dona F (in memorian)	Bairro Rio da Onça
Dona A (in memorian)	Balneário Caiobá
Dona R (in memorian)	Bairro Sertãozinho

FONTE: A autora (2018)

Embora a seleção apenas de mulheres benzedeadas não tenha sido intencional, destaca-se que este foi o perfil construído a partir do levantamento realizado, confirmando a hipótese de predomínio de mulheres na condução dessa prática no litoral paranaense.

Após realizar as primeiras visitas, período em que confirmei a localização da moradia das benzedeadas e realizei o primeiro contato, parti para a dimensão propriamente etnográfica da pesquisa, ou seja, visitas mais frequentes e a interlocução e observação participante. As visitas e entrevistas se deram com três interlocutoras, quando foi possível construir uma caracterização mais detalhada das benzedeadas

(QUADRO 2):

QUADRO 2 - PERFIL DAS BENZEDEIRAS

Nome	Idade	Naturalidade	Tempo de atuação	Religião	Estado civil	Teia de reciprocidade do dom	Elementos utilizados/invocados durante práticas ritualizadas de benzimento.	
							Materiais	Imateriais
Dona N	85 anos	Contenda/PR	73 anos	Católica	Viúva	Pai	Ramo de arruda, velas, copo com água, imagens de santos católicos.	Rezas, preces, fé, espiritualidade, santos e santas católicos.
Dona D I	78 anos	Pitanga/PR	60 anos	Católica	Viúva	Avô e pai	Imposição das mãos, pedra de vidro, terço.	Rezas e preces, espiritualidade, fé.
Dona D	73 anos	Não indicado	62 anos	Espírita Kardecista	Viúva	Não indicado	Imposição de mãos, vela, copo com água, imagens de guias espirituais.	Rezas, preces, espiritualidade, fé, guias espirituais.

FONTE: A autora (2018)

É possível observar elementos em comum entre as benzedadeiras entrevistadas. Segundo os relatos, todas vieram de outras regiões do estado e iniciaram a prática do benzimento muito jovens, entre doze e dezoito anos de idade. O desenvolvimento da espiritualidade e religiosidade das benzedadeiras foi fator determinante neste processo.

Tanto a benzedeira Dona D, quanto as benzedadeiras Dona N e Dona I são viúvas e atualmente residem sozinhas ou com familiares próximos, como filhas e netos.

Sobre a teia de reciprocidade do dom, encontramos em comum entre as benzedadeiras Dona N e Dona I os pais como seus antecessores. Já a benzedeira Dona D atribui o dom, a uma dádiva recebida diretamente de Deus. O qual se deu conta ainda criança, apontando para um tipo de transmissão do dom que Quintana (1999) correlacionou à consequência de uma experiência sobrenatural.

As visitas às benzedadeiras aconteceram entre os meses de junho de 2017 e junho de 2018. Nenhuma visita era agendada com antecedência, respeitando apenas os dias e horários que cada benzedeira realizava os atendimentos aos pacientes, sendo que Dona D atendia as segundas, quartas e sextas, pela manhã e a tarde, Dona N de segunda á sexta, pela manhã das 9h ás 11h e pela tarde das 14h ás 16h e aos sábados das 9h ás 11h, guardando domingos e feriados, conforme informado em uma placa presa ao portão de sua casa; e Dona I, atendia todos os dias da semana, inclusive feriados, até o por do sol.

Ao longo do trabalho de campo, durante as visitas e entrevistas aprofundei a interlocução com as benzedadeiras. Aos poucos foi possível construir um quadro com novas informações sobre cada benzedeira (QUADRO 3).

Importante salientar que minha posição diante das interlocutoras variava entre dois momentos: os em que participava diretamente das praticas ritualizadas de benzimento enquanto paciente, e outros momentos em que assumia a posição de etnógrafa e buscava interpretar e descrever as categorias e conceitos a luz dos seus significados. Circulando entre essas interfaces, a medida que o campo me apresentava condições, busquei construir uma relação dialógica, onde benzedadeiras e pesquisadora transformaram-se em interlocutoras, numa relação de reciprocidade.

QUADRO 3 – INFORMAÇÕES SOBRE AS BENZEDEIRAS

<p>Benzedeira Dona N, 85 anos, Bairro Tabuleiro.</p>	<p>A benzedeira Dona N, nasceu no município de Contenda, interior do Paraná e começou a benzer com apenas doze anos. O pai era benzedor e Dona N foi a única filha a receber o dom, dentre dez irmãos e irmãs.</p> <p>A benzedeira chegou ao município de Matinhos em 1992 e logo que chegou começou a se dedicar aos benzimentos, devido ao fato de sua comadre, que lhe recebeu e hospedou durante os primeiros meses da benzedeira na cidade, ter espalhado a notícia de seu dom curativo. Dona N é filha de pai espírita e mãe católica, mas professa a religião da mãe. Realiza o atendimento aos pacientes que procuram no quarto anexo a residência onde vive, neste quarto há imagens de santos e santas católicos em prateleiras nas paredes e sobre uma mesa, sobre a mesa também fica um copo de água e um galho de arruda, utilizados para pela benzedeira para benzer. Na parte externa da casa há uma capela, onde os pacientes são orientados a ascender as velas que lhes são entregues por Dona N após o benzimento, ao lado da capela ficam dispostos bancos, cadeiras e sofás para que os pacientes aguardem sua vez de serem atendidos. Em todas as visitas realizadas havia sempre muitas pessoas aguardando atendimento da benzedeira, o que dificultou que pudéssemos conversar mais longamente e com alguma privacidade. Da parte externa do quarto de benzer é possível ouvir Dona N realizando os benzimentos, benze para atrair dinheiro, não faltar emprego, para proteger a família, para ser feliz no amor e para curar doenças.</p> <p>No portão da casa da benzedeira há uma placa com os horários de atendimento, de segunda a sexta pela manhã das 9h às 11h e pela tarde das 14h às 16h e aos sábados das 9h às 11h da manhã, não há atendimento aos domingos e feriados.</p> <p>Durante algumas visitas, enquanto aguardava minha vez de conversar com a benzedeira, notei que Dona N recebia a visita de pessoas em situação de rua e que estas recebiam da benzedeira, roupas e alimentos.</p> <p>A benzedeira Dona N recebeu o título de cidadã honorária do Município de Matinhos em agradecimento aos serviços prestados à comunidade.</p>
<p>Benzedeira Dona I, 78 anos, Balneário Riviera.</p>	<p>A benzedeira Dona I nasceu no município de Pitanga, interior do Paraná. Seu primeiro contato com o ofício de benzer se deu através de seu avô, que era benzedor e posteriormente seu pai, que além de benzer também era raízeiro. Segundo a benzedeira seu pai, quando vivo, curou muita criança de bronquite e outras doenças respiratórias com as famosas “garrafadas” (mistura de ervas) e que naquela época, aproximadamente 60 anos atrás, o mal que seu pai mais benzia era picada de cobra.</p> <p>Dona I começou a benzer aos 18 anos, a benzedeira conta que no início não queria benzer, não aceitava o dom, porém desde a juventude era procurada e reconhecida como benzedeira. Católica, Dona I afirma que seu dom lhe foi dado por Deus e que os aprendizados do ofício aconteceram observando seu pai e seu avô benzerem quando era criança.</p> <p>Quando jovem Dona I sonhava em ser enfermeira, mas conta que foi impedida de estudar pelo marido, fato lembrado com muita tristeza.</p> <p>Dona I benze na varanda de casa, com o paciente sentado em uma cadeira, segurando um rosário sobre sua cabeça, enquanto o paciente segura entre as mãos um pedra de vidro entregue pela benzedeira. O diagnóstico é obtido pela leitura da pedra após o rito. Durante algumas de nossas conversas, Dona I lamentou não possuir uma cortina para colocar na varanda, impedindo assim que</p>

	<p>os vizinhos evangélicos observassem os atendimentos realizados, a benzedeira relata que se sente muito incomodada com a “curiosidade” da vizinhança. Diz que os males que mais é procurada para benzer são susto, gripe, ataque de bicha, cobreiro, costura machucadura entre outros males e doenças, também ensina simpatias, indica chás e banhos de ervas. Se necessário, benze a distância e até por telefone, bastando que lhe informem apenas o nome da pessoa que necessita ser benzida.</p> <p>Para a benzedeira Dona I a neta possui o mesmo dom que ela, pois já viveu duas experiências de quase morte e sobreviveu. Para a benzedeira sua neta tem uma missão para cumprir na terra, porém afirma com tristeza que seus conhecimentos morrerão com a benzedeira, já que sua filha (mãe da neta), após se converter a uma religião evangélica lhe proibiu de ensinar a neta.</p>
<p>Benzedeira Dona D, 73 anos, Bairro Sertãozinho.</p>	<p>A benzedeira Dona D começou a benzer ainda menina, benzia animais, gatos, cachorros e galinhas no sítio em que cresceu.. Segundo a benzedeira foi ao rezar para uma galinha que estava com o “ovo preso” que se deu conta de seu dom. Dona D conta que ninguém lhe ensinou o ofício de benzedeira, que o dom recebeu de Deus e os demais ensinamentos vieram de seus guias espirituais que lhe orientaram durante anos, por 1h todas as madrugadas. Adepta da doutrina espírita kardecista, em vários momentos, durante nossas conversas, Dona D citava Doutor Leocádio e o Doutor Bezerra como seus guias e orientadores espirituais.</p> <p>A benzedeira Dona D atendia numa sala anexo a sua residência, na parte da frente da casa, da rua era possível observar a sala pequena com uma porta e uma janela de vidro. No centro da sala havia uma mesa com uma toalha branca, sob a mesa uma vela acesa, uma edição do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” de Allan Kardec, um quadro de Jesus Cristo e alguns outros objetos que num primeiro momento não consegui identificar. Dona D benzia com a imposição de mãos, com o paciente sentado em frente à mesa em um dos dois bancos dispostos, posicionada atrás do paciente com as mãos sob sua cabeça a benzedeira dava início ao benzimento. Era comum Dona D convidar o paciente para retornar mais duas vezes, dependendo da gravidade do mal ou da doença.</p> <p>A benzedeira relatou que recentemente passou a atender apenas as segundas, quartas e sextas-feiras, no período da manhã e da tarde, pois quando atendia todos os dias da semana, em virtude da grande procura, não possuía tempo nem de passar uma vassoura na casa.</p> <p>Segundo Dona D os males e doenças que benze são: bicha atacada em criança, mau olhado, esporão, costura de machucadura, além de indicar chás e banhos com plantas medicinais. A benzedeira esclareceu que costura e bicha atacada em criança são males urgentes que não podem esperar, portanto, quando se trata destes males atende em qualquer dia e qualquer horário.</p>

FONTE: A autora (2018)

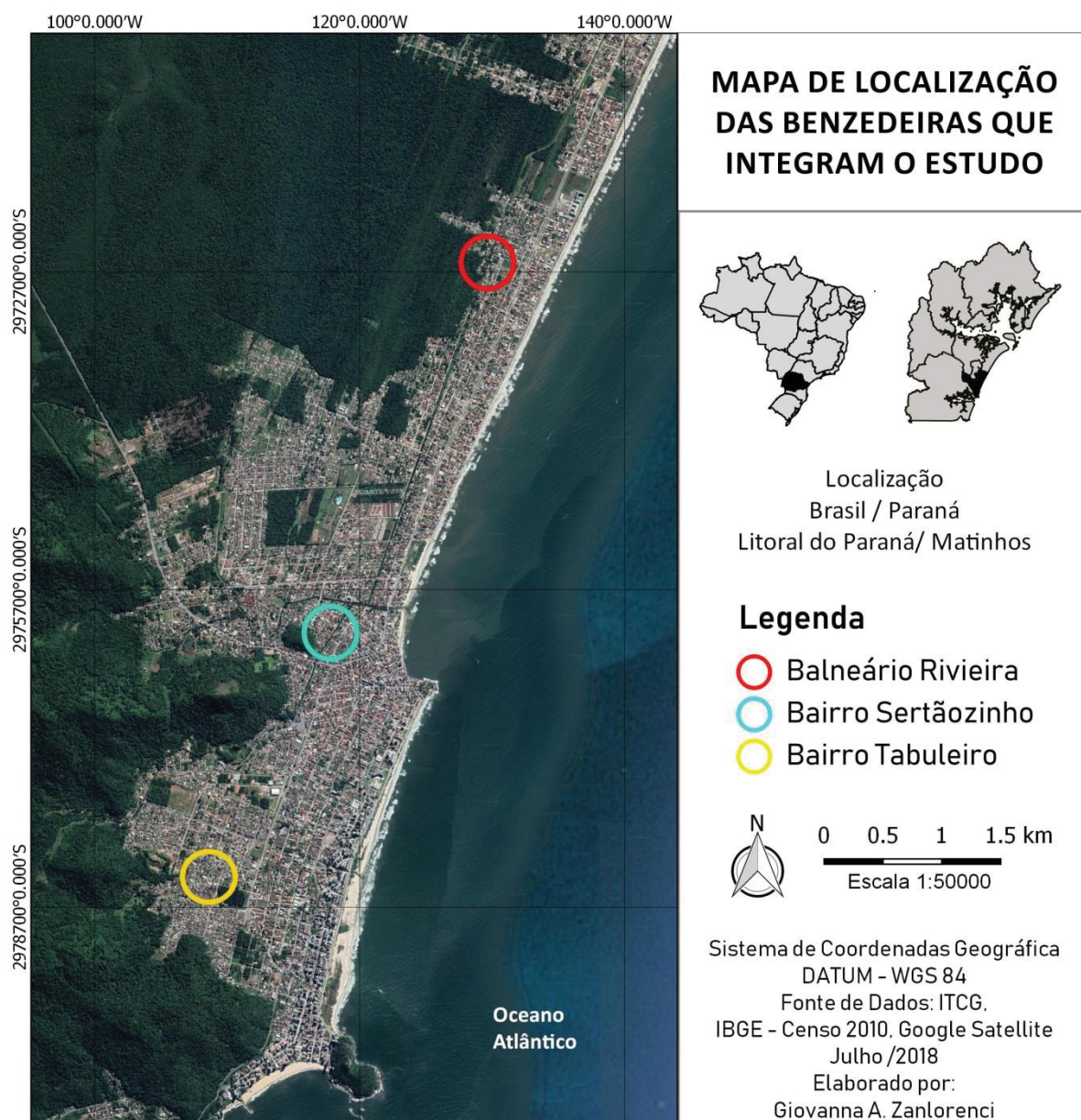
Como apresentado no Quadro 1, a localização da moradia das benzedadeiras entrevistadas encontra-se em três bairros distintos do município de Matinhos. O bairro Tabuleiro onde reside a benzedeira Dona N, um dos bairros mais antigos da cidade, teve o início da sua ocupação mais intensa na década de 80, em decorrência do adensamento da ocupação na orla, aliado ao crescente fluxo de imigrantes (ESTEVES, 2011). Assim como outros bairros, que surgiram na década seguinte, (Vila Nova I e II, Tabuleiro II e Sertãozinho) o Tabuleiro está numa área da cidade considerada menos nobre.

Nestes bairros situados mais ao interior da planície, predominam residências de padrão mais simples, de uso permanente, geralmente habitada por imigrantes ou por antigos moradores, inclusive pertencentes à população tradicional (ESTEVES, 2011). Na década 1990 houve a ocupação de outras regiões periféricas no município, constituindo a “mancha urbana” que caracteriza a área de ocupação contínua próxima à orla (ESTEVES, 2011), formando assim novos bairros: o bairro Sertãozinho, onde reside a benzedeira Dona D foi um deles.

A ocupação balneária, onde se localiza o Balneário Riviera, localidade da residência da benzedeira Dona I, teve início com a inauguração, em 1977, do trecho da PR-402, asfaltado, ligando Praia de Leste a Pontal do Sul, completando a ligação asfáltica de toda a planície da praia de Leste com uma estrada paralela e próxima ao mar (ESTEVES, 2011).

Em comum, estes bairros apresentam algumas características semelhantes, perfilados por áreas regulares, irregulares, não classificadas e clandestinas (ESTEVES, 2011) a maior parcela de ocupação é realizada por moradores permanentes. À medida que o uso balneário ia ocupando as áreas mais próximas à praia, parcelas da população nativa iam se deslocando para o interior da planície, assim como imigrantes atraídos pela perspectiva de trabalhar na construção civil, notadamente na edificação dos prédios da Avenida Atlântica em Caiobá e no setor de serviços (ESTEVES, 2011).

FIGURA 1 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS BENZEDEIRAS QUE INTEGRAM O ESTUDO



FONTE: Zanlorenzi (2018)

Importante salientar que, embora o recorte espacial desta pesquisa seja o município de Matinhos, na medida do possível realizei levantamentos em outros municípios do litoral, e pude constatar a presença de benzedeiras atuantes também nos municípios de Paranaguá e Guaratuba.

No início do mês de julho de 2018 visitei algumas comunidades localizadas nas baías de Guaraqueçaba e Laranjeiras, e no complexo estuarino de Paranaguá, no litoral norte do Paraná. Toda essa região é parte do território sociocultural caiçara, repleto de lugares, modos de uso e conhecimentos que compõem o que chamamos de territorialidade caiçara (HAESBAERT, 2007).

Durante este percurso, realizado em canoas a remo, conhecidas como “canoa de um pau só” ou “canoa caiçara”, investiguei nas comunidades a presença e existência de benzedeiras. Em quase todas as comunidades visitadas, dentre elas, Ilha das Peças, Vila Mariana em Ilha Rasa e Tacanduva localizada na parte continental de Guaraqueçaba, citaram a benzedeira, já falecida Dona E. Segundo relatos dos moradores dessas comunidades, Dona E foi uma benzedeira, curandeira e parteira muito poderosa que atendia toda a região.

Em Vila Mariana, Ilha Rasa, conversei com Dona R, neta da benzedeira e parteira Dona E, que me contou um pouco mais sobre sua avó. Segundo Dona R, Dona E benzia doenças de benzedeira (espinhela caída, peito aberto, ataque de bicha, machucadura da carne, asma, bronquite, picada de cobra, dentre outras) assim como animais e tempestade. As pessoas tinham muita fé em Dona E, e só começaram a levar seus filhos á postos de saúde e hospitais após sua morte. Dona R não soube dizer se antes de Dona E alguém mais benzia na família, mas disse que hoje ninguém mais benze, uma vez que as religiões que chegaram á comunidade (há pelo menos uma igreja evangélica no local) não veem com bons olhos o benzimento.

Durante essa viagem, em conversa com um morador da Ilha das Peças, este me informou da existência de cerca de noventa e oito benzedeiras e curandeiras, mapeadas por ele próprio e outros moradores da comunidade, entre a Baía de Paranaguá e o Vale do Ribeira, na região sul do Estado de São Paulo. Segundo este morador, algumas dessas mulheres não benzem mais, por terem se convertido a religiões de matriz neopentecostais, porém ainda cultivam muitos conhecimentos curativos.

Numa tentativa de manter viva a tradição de benzer, alguns membros da comunidade conversaram com os pastores das igrejas, das quais pertencem algumas dessas benzedadeiras, argumentando que as benzedadeiras e curandeiras possuem o dom da cura citado na bíblia, e, portanto estão agindo em nome de Deus. Após essa conversa o pastor autorizou os benzimentos, mas ainda assim algumas dessas benzedadeiras não benzem mais, apenas “rezam” as pessoas.

3.1.2 Trajetória de iniciação e as teias de reciprocidade do dom

A respeito da trajetória de iniciação das benzedadeiras Quintana (1999) em sua obra *A Ciência da Benzedeira*, sintetiza que podem existir dois tipos: o imitativo e a experiência mística. O primeiro se caracteriza pela aprendizagem através da imitação de outra benzedeira ou benzedor. Geralmente acontece em ambiente familiar, através de antecessoras e antecessores presentes nas próprias famílias das benzedadeiras. No segundo, a aprendizagem se dá através da transmissão de uma entidade espiritual, que pode ser entendida como Deus, um anjo, ou um guia espiritual. Dentre as benzedadeiras que compõe este trabalho, ambos os casos foram verificados.

No caso das benzedadeiras Dona N e Dona I, foram os pais e/ou os avôs que as antecederam, mostrando assim uma linha de sucessão na transmissão dos conhecimentos empíricos do sistema de benzer, assim como do dom.

Dona I benze há cinquenta anos, conta que seu primeiro contato com o benzimento se deu através do seu avô que era benzedor, mas aprendeu a benzer com seu pai, que além de realizar benzimentos, era raízeiro, conhecedor de raízes e plantas de uso medicinal, no interior do Paraná. Quando criança observava e escutava com atenção os rituais de benzimento realizados por seu pai na casa da família. Segundo a benzedeira Dona I, seu pai, hoje falecido, curou muitas crianças de bronquite, asma e outras doenças respiratórias, com benzimento e as famosas garrafadas que preparava com ervas e raízes curativas, mas o mal pelo qual era mais procurado naquela época, era picada de cobra.

Segundo Moura (2009), a sequência de transmissão através dos laços de parentesco é a mais comum. Nesses casos, o dom é passado para um familiar que apresente as características necessárias para a prática, tais como: interesse,

respeito e convivência com aquele que já benze (mãe, tia, madrinha ou uma rezadeira da própria redondeza) (THEOTONIO, 2010).

Quintana (1999) destaca uma situação que está presente na narrativa da benzeadeira Dona N: o enfrentamento de acometimentos da saúde física através do desenvolvimento do dom de benzer. Enfrentar dificuldades e problemas de saúde, supera-los e reencontrar seu equilíbrio físico e espiritual através dessas experiências místicas significa que, de fato, aquela pessoa foi designada para uma missão: em primeiro lugar no sentido de ter sido escolhida e, segundo, por passar a ter qualidades que anteriormente não tinha.

No caso da benzeadeira Dona N, filha de benzedor, aos doze anos, foi acometida por reumatismo, o que fez com que seu pai buscasse ajuda em outro benzedor que residia numa cidade vizinha. Dona N afirma que quando seu pai retornou para casa já estava curada pelo benzimento realizado a distância. Logo após esse ocorrido realizou seu primeiro benzimento em um rapaz que estava com cobreiro na orelha, e que, depois disso, a fama da “menina benzeadeira” se espalhou rapidamente por Contenda, sua cidade natal, e ela nunca mais parou de benzer.

Dona D, por sua vez iniciou seu ofício de benzeadeira, benzendo animais no sítio onde vivia quando criança. Para Dona D, o marco inicial na sua missão como benzeadeira foi quando benzeu uma galinha que estava com o “ovo preso” (quando a galinha não consegue botar o ovo) e logo em seguida a galinha expeliu o ovo. Com relação à transmissão do dom, Dona D atribui o aprendizado às entidades espirituais. Adepta da doutrina espírita kardecista, em vários momentos, durante nossas conversas, Dona D citava Doutor Leocádio e o Doutor Bezerra como seus guias e orientadores espirituais.

Há uma unanimidade dentre as benzeadeiras entrevistadas, o dom de benzer não é algo aprendido nem ensinado, é algo recebido e, portanto, há uma obrigação moral em passá-lo adiante gratuitamente. Benzer não é exatamente uma escolha; é antes uma obrigação (e.g. HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015).

Neste complexo sistema, composto pela tríplice dar-receber-retribuir (MAUSS, 2003), o princípio da reciprocidade permite a criação de laços sociais e espirituais entre as benzeadeiras e seus pacientes, estendendo esses laços aos elementos materiais e imateriais, como plantas, água, pedras, santos e santas, fé, religiosidade, espíritos, assim como á outras benzeadeiras e benzedores.

Nos relatos ouvidos das benzedadeiras Dona D e Dona N, foi possível perceber que os sistemas de benzer se articulam entre si, estão interligados num sistema maior, de reciprocidade entre benzedadeiras e benzedores. Este dado se apresenta quando Dona D relatou já ter benzido Dona N e quando Dona N contou que seu pai, benzedor, buscou a ajuda de outro benzedor para cura-la de reumatismo quando criança.

Para a benzedeira Dona I, não há dúvidas, embora as rezas, preces e orações proferidas durante as práticas ritualizadas de benzimento e os conhecimentos sobre ervas e raízes tenham sido aprendidos observando seu pai benzer, o dom de benzer que possui foi uma graça recebida de Deus.

Marcel Mauss, em o *Ensaio sobre a Dádiva* (2003) postula um entendimento da constituição da vida social por um constante dar-receber-retribuir. Neste contexto, observamos que nenhuma das benzedadeiras entrevistadas neste estudo cobra dinheiro pelos serviços ofertados a comunidade, mas, pelo menos duas delas, a benzedeira Dona I e a benzedeira Dona N, aceitam e recebem de bom grado os presentes que lhe são ofertados por seus pacientes.

Estes presentes podem ser dinheiro, cestas básicas, roupas, ou no caso da benzedeira Dona I, a casa que mora, presente de uma paciente que cultiva grande apreço pela benzedeira. A benzedeira Dona D nunca comentou se recebia algum tipo de presente de seus pacientes, mas em uma de nossas primeiras conversas fez questão de esclarecer que não cobrava pelos benzimentos. e que na cidade de Matinhos há outra Dona D, que lê a sorte dos pacientes numa bola de cristal e cobra por isso.

Neste contexto de reciprocidade, é possível notar que receber *taongas* (presentes) em forma de agradecimento pelos serviços ofertados à comunidade pelas benzedadeiras, não é o mesmo que receber um pagamento, mantendo assim o *hau* (espírito da coisa dada) do *taonga* recebido (MAUSS, 2003).

Desta forma, a tríplice dar-receber-retribuir completa o ciclo, a partir de uma mentalidade definida, tanto quanto dar é uma obrigação, não menos importante é a obrigação de receber, uma vez que, recusar receber é “recusar a aliança e comunhão” (MAUSS, 2003, p.27). Por fim tudo é matéria de transmissão e prestação de contas, em outras palavras, tudo vai e tudo vem (MAUSS, 2003).

3.1.3 O processo de reconhecimento e legitimação das benzedeiras

Lévi-Strauss, ao discutir o problema da eficácia da magia nas sociedades tribais, aponta aspectos sobre a legitimidade do feiticeiro. Segundo o autor “a eficácia da magia implica na crença a magia” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 182). E neste processo complexo estão presentes três elementos complementares que se determinam reciprocamente: primeiro a crença do feiticeiro em si mesmo, em suas técnicas, segundo a crença do doente ou da pessoa atendida no feiticeiro, e em terceiro a crença coletiva nos poderes do feiticeiro. Estes três elementos produzem a legitimidade do feiticeiro (LÉVI-STRAUSS, 2008). Para Mauss (2003) a liberdade de atuação de um mágico depende da expectativa de seu público, segundo o autor a legitimação de um mágico ocorre quando há uma cura ou um milagre qualquer em frente aos olhos do público, essa experiência coletiva seria necessária para atribuir ao mágico virtudes excepcionais (MAUSS, 2003).

No processo de legitimação das benzedeiras residentes em Matinhos, foi possível observar três momentos recorrentes, entre duas das três benzedeiras pesquisadas: primeiro, quando a benzedeira aceita ou reconhece seu dom e começa a benzer seus familiares e parentes próximos, segundo quando vizinhos e amigos próximos passam a busca-la reconhecendo a como agente articuladora de cura, e terceiro quando pessoas externas às relações comunitárias, ou seja, pessoas totalmente desconhecidas pela benzedeira passam a busca-las, geralmente por indicação de amigos e conhecidos. Reconhecendo assim o ofício da benzedeira e desta forma consolidando sua legitimação.

A benzedeira Dona D benze desde criança, conta que sua primeira experiência de benzimento iniciou-se com animais. Na ocasião de uma de nossas conversas contou-me que, quando menina, benzia gatos, cachorros e galinhas e foi a partir dessas experiências, que se deu conta e reconheceu seu dom, a partir de então passou a benzer familiares e vizinhos. Hoje em dia é procurada tanto por pessoas conhecidas quanto por pessoas totalmente desconhecidas de Matinhos e região, inclusive, já recebeu em sua casa pessoas de outros estados e até mesmo países. Em nossas conversas Dona D mencionou uma pessoa da Espanha, que todas as vezes que retorna ao Brasil á procura para ser benzida.

Assim como a benzedeira Dona D, a benzedeira Dona N, passou por um processo de legitimação muito parecido.

Filha de benzedor, Dona N considera um marco inicial em sua missão como benzedeira, ter sido curada de reumatismo, aos doze anos, por um compadre de seu pai, que a benzeu a distância. Em relato feito a pesquisadora Cruz (2017) Dona N contou que

[...] logo após esse ocorrido realizou seu primeiro benzimento- em um rapaz que estava com cobreiro na orelha- e que, depois disso, a fama da “menina benzedeira” se espalhou rapidamente por Contenda e ela nunca mais parou de benzer (CRUZ, 2017, p.13).

Logo que chegou em Matinhos, em abril de 1992, Dona N não demorou a se dedicar aos benzimentos, devido ao fato de sua comadre, que residia no local antes da sua chegada, ter espalhado a notícia de seu dom pela vizinhança, fazendo com suas práticas fossem rapidamente reconhecidas.

Hoje, a benzedeira Dona N, além de reconhecida e muito procurada por moradores de Matinhos e região, recebeu homenagens em agradecimento aos serviços prestados à comunidade matinhense e, em 2014, recebeu o título de Cidadã Honorária de Matinhos, sendo oficialmente reconhecida como benzedeira no município e desta forma consolidando sua legitimação.

A benzedeira Dona I, por sua vez, passou pelo processo inverso, já era reconhecida como benzedeira antes mesmo de reconhecer e aceitar seu dom. Conta que no princípio não gostava de benzer, mas que desde muito nova já era reconhecida na comunidade em que morava como benzedeira, os vizinhos e conhecidos que frequentavam sua casa para serem benzidos por seu pai atribuíam a ela o mesmo dom. Por mais que relutasse, as pessoas próximas estavam sempre procurando por ela para um benzimento aqui e ali.

A benzedeira Dona I contou que foi numa emergência com uma gestante que marcou o início do seu ofício como benzedeira. Chamaram Dona I, pois havia uma mulher em trabalho de parto com dificuldades. A benzedeira então seguiu até a casa da parturiente, realizou o benzimento e minutos depois a criança nasceu. Contou Dona I que, depois desse dia, aceitou seu dom e passou a ser muito procurada para benzer, tanto por pessoas conhecidas quanto por pessoas desconhecidas, externas a suas relações comunitárias.

3.2 ELEMENTOS QUE COMPÕEM O REPERTÓRIO DE SABERES E FAZERES DAS BENZEDEIRAS

3.2.1 Fé e Dádiva.

A fé é elemento indispensável para a eficácia do benzimento. Para as benzedadeiras entrevistadas nesta pesquisa, quanto maior a fé do paciente, mais próximo da cura ele está.

Para Encarnação et al., (2016) a fé refere-se a entrega confiante aos desígnios de uma entidade transcendental:

Trata-se, pois, de uma experiência muito para além da racionalidade pura humana e que envolve holisticamente o ser humano que a experiência. A fé pode, ou não, vincular-se a experiências de vida religiosas, marcadas por rituais simbólicos. (ENCARNAÇÃO et al., 2016).

Foi recorrente no discurso das benzedadeiras entrevistadas nesta pesquisa dizeres como:

“- Quem cura não sou eu, quem cura é Deus”

“- Eu benzo, Deus cura”.

Assumindo o papel de intermediárias, “instrumento” de Deus, que age através da fé das partes envolvidas. Para as benzedadeiras é importante que haja uma predisposição à fé, tanto por parte das benzedadeiras quanto por parte dos pacientes que procuram pelo benzimento.

“- Se as pessoas não tiverem fé, elas não ficam curadas!”

(Benzedeira Dona D)

Assim, no processo ritual de cura, é dada uma importância muito grande à intervenção de Deus. A frase “Graças a Deus” é uma constante. Esse papel fundamental da autoridade religiosa no processo terapêutico pode também estar expressa em: “Com o favor de Deus”. Ambas indicam que o trabalho da benzedeira, além de utilizar os medicamentos caseiros, consiste também em conseguir, por seu intermédio, o favor de Deus. Ainda que esse favor, essa intervenção divina, se dê, principalmente, pela atuação da benzedeira,

o paciente deve ter a condição da fé. De fato, faz-se necessária a reunião desses requisitos para que se efetue a intervenção divina. Desta forma, o papel fundamental da benzedeira seria estritamente o de intermediar. (QUINTANA, 1999, p. 106).

A benzedeira Dona D foi quem mais relatou casos de cura de pacientes que foram benzidos por ela e curados. Dentre os casos relatados, o caso de uma criança de 13 anos diagnosticada com leucemia chamou a atenção.

Segundo relatou Dona D, um dia antes de realizar a cirurgia para retirada do câncer os pais trouxeram a criança de Curitiba para ser benzida pela benzedeira. Dona D conta que após o benzimento, a criança retornou para sua residência dizendo aos pais que não faria a cirurgia no dia seguinte, pois Dona D e seus guias espirituais a havia curado. Os pais da criança desmarcaram a cirurgia e pediram novos exames. O resultado dos exames, para surpresa da equipe médica, foi o desaparecimento do câncer. Para a benzedeira Dona D, a fé é fator determinante na cura do paciente.

“- As crianças tem muita fé!”

(Benzedeira Dona D)

Outro relato relacionado a cura pela fé foi do morador da Ilha das Peças, que narrou sobre a benzedeira e parteira Dona E. Segundo ele, Dona E foi uma benzedeira muito poderosa. As pessoas tinham muita fé em seus benzimentos e conhecimentos curativos. De acordo com este morador, algumas pessoas chegavam “carregadas” (sem andar) na casa da benzedeira e saíam andando após serem benzidas por ela; outras tinham tanta fé que, ao chegar ao portão da sua casa, antes mesmo de serem benzidas, já estavam curadas.

É possível notar que, embora a fé do paciente seja fator importante no processo de cura, isso não significa que as benzedeadas estejam destituídas de todo poder. Pelo contrário, como aponta Mauss (2003), é justamente na capacidade de intermediação entre o real e o sobrenatural, que reside o poder da benzedeira. São nessas relações particulares, de proximidade com as entidades divinas, que reside seu poder mágico, seu mana (MAUSS, 2003).

Em estudos realizados sobre outros processos de cura populares, uma ideia coincide com a observada entre as benzedeiras em Matinhos e seus pacientes “a de que o curador sempre cumpre o papel de intermediário” (QUINTANA, 1999, p. 107).

Pereira (1993, p. 92) quando se refere ao trabalho das parteiras, também aborda este lugar de intermediação, com o divino e a força mágica contida nas plantas e nas orações, fatores capazes de curar. Em *O xamanismo e as linhas misteriosas*, Devereux (1993) nos chama a atenção para o lugar do xamã, um intermediário entre o mundo espiritual da natureza e a tribo. Este papel de intermediária fica expresso nas diferentes preces e orações utilizadas pelas benzedeiras em Matinhos, nas quais se ouvia constantemente a expressão “Em nome de Deus”.

Seguindo o pensamento de Mauss (2003) o *mana* da benzedeira, ou seja, seu poder e capacidade de intermediação entre o real e o sobrenatural, é fruto do sistema de dádiva em que dar, receber e retribuir formam um ciclo de trocas simbólicas que comunica, neste caso, a mediação entre os homens e as divindades para a obtenção da dádiva.

Neste sentido a dádiva é o *mana* da benzedeira, presente divino e, portanto algo que por obrigação deve ser retribuído, e também é a cura do paciente, cura está que acontece através da fé das partes envolvidas, mas sobretudo por mediação da benzedeira. Assim sendo o *mana* é um valor produzido pela reciprocidade das dádivas, pela circulação do dom, da fé e dos elementos materiais e simbólicos.

3.2.2 A reza e os gestos da benzedeira

Não existe benzedeira que execute seu ofício em silêncio (CUNHA; ASSUMPÇÃO, 2017). Para as benzedeiras a reza é um dos principais elementos na cura dos doentes, é na força das palavras pronunciadas que se expressa o poder de afastar o mal que acomete o doente.

As rezas e preces são proferidas durante o ato do benzimento, sendo o momento em que, aliadas à ramos e outros elementos materiais e imateriais envolvidos na cura das enfermidades diversas, o visível e o invisível irão compor a força das palavras.

Nem sempre é possível compreender as palavras que são ditas no decorrer da reza durante os rituais de benzimento, pois são realizadas em tom baixo e com

rapidez. A maioria das rezas presenciadas durante as visitas às residências das benzedeiras foram entremeadas de palavras incompreensíveis, cujo entendimento tornou-se difícil.

Segundo Castro e Melo (2007) essa distorção ocorre devido às rezas serem transmitidas de forma oral, e, a medida que são passadas de geração em geração, a pronúncia de algumas palavras sofrem alterações.

Porém, foi possível observar durante o campo, outro aspecto importante, algumas rezas e preces proferidas durante o ritual de benzimento são sigilosas, e muitas vezes, a forma de pronunciá-las, dificultando o entendimento de quem as ouve são intencionais. Este aspecto foi possível observar principalmente durante os benzimentos realizados pela benzedeira Dona I, que logo em nossa primeira conversa me avisou que alguns elementos que compõe o ofício de benzer ela não poderia me contar, dentre eles as rezas e preces utilizadas durante o benzimento.

Quanto a benzedeira Dona N e a benzedeira Dona D, era possível ouvir e compreender alguns trechos das rezas. Geralmente direcionadas a santos católicos, a benzedeira Dona N rezava pedindo proteção, saúde e que não faltasse o “dinheiro tão necessário” para o paciente. A benzedeira Dona D, espírita kardecista, rezava pedindo aos seus guias espirituais, a cura das doenças que poderiam estar presentes no corpo do paciente.

Com relação a aprendizagem das rezas, foi possível observar que as benzedeiras, assim como mencionado em Santos (2016), aprenderam as rezas a partir da observação ritual e da oralidade, ou através de um dom de nascença ou sobrenatural.

Dona N e Dona I relataram que aprenderam ao observar seus antecessores, neste caso os pais e os avós, evidenciando o processo de aprendizagem das rezas a partir de uma relação de afetividade e reciprocidade entre entes familiares. Como aponta Santos (2016), esse modelo de aprendizagem é emocional e afetivo, o que o diferencia do saber biomédico.

Já a benzedeira Dona D nunca teve entes familiares que realizassem curas, nem tão pouco que a ensinasse. Aprendeu as rezas através de sonhos e visões. Segundo a benzedeira, durante muitos anos recebeu orientações de seus guias espirituais todos os dias por uma hora, entre às 4h e 5h da manhã. Atualmente diz não receber mais essas orientações desta forma, pois já não precisa mais.

Os gestos também se fazem presentes em toda prática ritualizada de benzimento. Enquanto a reza está sendo proferida pela benzedeira, alguns gestos são realizados. Estes podem variar de benzedeira para benzedeira, porém todas as interlocutoras entrevistadas neste trabalho iniciam e finalizam o benzimento com o sinal da cruz.

A benzedeira Dona N é a única entre as benzedeadas entrevistadas que utiliza ramos de arruda para benzer. Os ramos ficam depositados dentro de um copo com água sob o altar da benzedeira. Após realizar o sinal da cruz, a benzedeira molha o ramo de arruda no copo com água e realiza gestos em direção ao paciente enquanto pronuncia as preces e orações.

Dona N utiliza apenas arruda para benzer. Segundo a benzedeira a arruda é uma planta de poder, portanto, toma o cuidado de cultivar a planta em seu quintal para que nunca falte. Durante uma das observações notei que um paciente que chegou para ser atendido pela benzedeira trouxe consigo um maço de ramos de arruda e entregou para Dona N, que agradeceu e comentou que a dádiva chegou em boa hora, pois o ramo que estava utilizando para benzer estava murcho e precisando ser trocado.

A benzedeira Dona I, por sua vez, após realizar o sinal da cruz suspende um terço sobre a cabeça do paciente enquanto reza pelo mesmo. Já a benzedeira Dona D realizava o benzimento através da imposição das mãos. Em determinado momento tocava o corpo do paciente realizando movimentos de “limpeza”, passando suas mãos pelos braços e ombros em sentido ao chão, enquanto repetia preces e orações. Segundo contou a benzedeira, ela também realizava “costura” de machucadura. Machucadura nada mais é que o nome dado pelas benzedeadas para uma lesão muscular, problema este considerado gravíssimo por Dona D e que, assim como “bicha atacada” em criança, ela atendia a qualquer hora do dia e da noite.

Para “costurar” a machucadura, Dona D utilizava um pequeno pedaço de tecido - que simboliza a “carne” da pessoa machucada -, linha e agulha. Enquanto proferia as preces e orações, específicas da “costura”, costurava literalmente o pedaço de tecido. Porém, durante minhas observações não presenciei nenhum benzimento deste tipo.

É possível notar que tanto as rezas quanto os gestos realizados durante as práticas ritualizadas de benzimento são elementos simbólicos que compõe os

sistemas de benzer. Ambos só adquirem um sentido e, portanto, se tornam eficazes, quando incorporados no contexto ritualizado (SILVA, 2016).

3.2.3 O altar da benzedeira

A presença do altar na casa das benzedadeiras costuma ser um elemento comum. O altar se configura como o espaço do sagrado, é diante dele que a benzedeira reza, recebe seus pacientes e faz atendimentos (BRAGA, 2013). Dentre as benzedadeiras entrevistadas nesta pesquisa, apenas Dona I não possuía um altar no espaço onde realizava o atendimento aos pacientes.

Interessante notar que os altares estão em constante construção, recebendo elementos novos todos os dias, como diferentes flores e velas ou elementos permanentes, como imagens sacras, geralmente presentes de pacientes.

As motivações da montagem do altar são sagradas, e cada benzedeira tem seu próprio jeito de organiza-lo, de acordo com suas crenças e com os significados de cada elemento. A composição do altar e a disposição de cada elemento pode ser correlacionado a identidade de cada benzedeira.

As benzedadeiras Dona D e Dona N possuem altares nos espaços de atendimento aos pacientes. Dona D atendia numa sala anexa sua residência: uma pequena sala com uma janela e uma porta de vidro, no centro uma mesa redonda coberta com uma toalha branca, sobre a mesa o altar da benzedeira, composto por uma vela acesa no centro, e alguns outros objetos como uma edição do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” de Allan Kardec e um retrato de Jesus Cristo. Na sala havia também duas cadeiras voltadas para o altar, uma para o paciente outra para a benzedeira. Não havia imagens de santos ou santas no altar de Dona D.

A benzedeira Dona N, dispõe de dois espaços em sua residência voltados para seu ofício de benzedeira. Na área externa da casa da benzedeira, há uma capela onde velas são acesas pelos pacientes após o benzimento, nesta capela de aproximadamente um metro quadrado há apenas um suporte para velas e fósforos. Próximo a capela, uma porta dá acesso a um pequeno quarto repleto de imagens sacras em prateleiras, onde o ritual de benzimento é realizado.

Neste quarto, Dona N possui um pequeno altar, sob o altar uma toalha, velas acesas, um copo com água e um ramo de arruda submerso e mais algumas imagens e fotos de santos e santas da religião católica. O altar possui duas gavetas

onde Dona N guarda as velas que serão entregues aos pacientes. Ao término do benzimento o paciente recebe as velas para acender na capela, cada vela é dedicada a um santo ou santa diferente, indicados pela benzedeira, Hoffmann-Horochovski (2012) que realizou estudo com Dona N, comentou que:

O número de velas e de santos varia de caso para caso. Uma única vela quando tudo corre bem; duas, três, quatro ou mais, quando as coisas estão mais complicadas. São Cristóvão, Santa Rita, Nossa Senhora Aparecida, do Bom Parto, São José e assim sucessivamente. Como bem dizem os ditados populares: “cada santo quer sua vela”; “tal o santo, tal o milagre. (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012, p.131).

Os altares das benzedeiras são elementos visíveis de mediação com o divino e o sagrado, a benzedeira é uma mediadora das dádivas que advém do sagrado, e no altar essa comunicação se expressa materialmente. Os altares simbolizam o poder da benzedeira e revelam uma complexidade que neste trabalho não foi possível desvendar. Explorar etnograficamente o altar da benzedeira revela-se como um campo em si a ser pesquisado futuramente.

3.2.4 Doenças de benzedeira

As doenças e males que exigem o trabalho das benzedeiras muitas vezes não constam na lista de tratamentos da medicina institucionalizada. As benzedeiras alegam que existem doenças de benzedeira e “doenças de médico”. Neste sentido sugerem a complementariedade dos dois sistemas, o biomédico e o benzimento, e não sua oposição ou disputa.

As doenças de benzedeira são aquelas cujo diagnóstico é definido e elaborado pela própria benzedeira (SANTOS, 2016). Essas doenças envolvem esferas físicas, psicológicas, sociais e morais específicos de cada paciente.

Neste sentido, as doenças curadas pelas benzedeiras se configuram como perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam a vida cotidiana como um todo (SANTOS, 2016). Já as “doenças de médico” seriam caracterizadas como aquelas em que a benzedeira não vê resultado em suas rezas. (MEDEIROS et al., 2013).

Para Quintana (2007) as concepções de doença e de terapêutica estão associadas às visões de mundo, a um conjunto de valores e normas morais, a todo um universo cultural articulado aos saberes e fazeres das benzedeiras. Segundo Santos (2016) a benzedeira entende a doença como algo que está desequilibrando o dia-dia da pessoa, percebendo o corpo do paciente em sua totalidade, numa perspectiva holística, e não de forma fragmentada, ou especializada, como acontece na medicina institucionalizada. Portanto, os processos terapêuticos realizados pelas benzedeiras e pelos médicos seguem lógicas diferentes (SANTOS, 2016).

Algumas benzedeiras podem ser especialistas em uma doença, como exemplo a benzedeira Dona D, que relatou ter sido conhecida no início de seu ofício como a benzedeira especialista em benzer olhos, porém ao longo de sua trajetória benzeu diversas doenças e males.

De acordo com as observações realizadas, as doenças de benzedeira mais recorrentes atendidas em Matinhos são as seguintes: asma e bronquite, esporão, machucadura, ataque de bicha, cobreiro, susto, ar na face, espinhela caída, mau olhado, olho gordo ou quebrante.

No quadro a seguir, descrevo alguns males e doenças, assim como suas causas, sintomas, estratégias de cura, incidência e partes do corpo afetadas (QUADRO 4).

QUADRO 4 - DOENÇAS DE BENZEDEIRA

DOENÇA	CAUSA	SINTOMAS	ESTRATÉGIAS DE CURA	INCIDÊNCIA	PARTES DO CORPO AFETADAS
Esporão	Uso de salto ou sapatos apertados. Pisar com o pé torto.	Aparecimento um 'ossinho' gerando uma forte dor no calcanhar. Inflamação na região.	Benzimento com reza específica, uso de ramo verde, não relatada e simpatias.	A maioria das vezes em adultos.	Calcanhar
Ataque de bicha	Poucas condições de higiene, como falta de saneamento básico por exemplo.	Febre baixa, barriga estufada, coceira e vermelhidão no bumbum, alteração nas fezes (diarreia).	Pode ser realizado reza específica para a doença com uso de ramos verdes, simpatia e recomendado a ingestão de ervas medicinais.	Crianças	Barriga, anus.
Cobreiro	Picadas de alguns insetos ou vestígios destes insetos deixados em peças de roupa	Irritação na pele, dores e pus no local atingido.	Benzimento com ramos verdes dizeres “o que é que eu corto? Cobreiro brabo, Corto a cabeça e a ponta do rabo. Com os poderes de Deus tu estarás curado.”	Crianças e adultos.	Qualquer parte do corpo, mas principalmente as expostas, braços e pernas.
Susto	Levou um susto grande em algum momento da vida e o medo ficou dentro da pessoa.	Em bebês choro excessivo, nervosismo. Em crianças e adultos pode se manifestar quando a pessoa é muito	Simpatia e benzimento com ramos verdes e reza específica. Em alguns casos usa se uma peneira durante o benzimento para “caçar” o susto.	Mais frequentemente em bebês e crianças mas pode ocorrer também em adultos.	Corpo todo.

		assustada e medrosa.			
Ar na face ou ramo de ar	Mudanças bruscas de temperatura, por exemplo: sair de um anho quente e entrar em contato com vento frio.	Dores de cabeça e inchaço no alhos, até paralisia facial.	Benzer a pessoa com ramos verdes.	Crianças e adultos.	Rosto.
Espinhela caída	Esforço físico em excesso.	Dores e ardências na região do tórax, indisposição.	Primeiro é necessário verificar se o paciente está com as arcas ou o peito aberto, com ajuda de um barbante mede-se do dedo anular até o cotovelo, em seguida dobra-se de tamanho e envolve na altura do tórax do paciente, ao juntar as duas pontas se houver folga é sinal de que o paciente está sofrendo deste mal. O tratamento consiste no benzimento com ramos verdes e reza específica não relatada pelas benzedadeiras.	Mulheres	Região do tórax
Olho gordo, mal olhado ou quebrante	Inveja alheia, muitas vezes involuntariamente.	Moleza, sono e irritação.	Benzimento com ramos verdes e reza específica, simpatias.	Homens, mulheres e crianças.	Corpo todo.

Abordei essas doenças e males por perceber que seriam estas as mais recorrentes dentre as benzedeiras entrevistadas, embora existam outras doenças e males que são tratados por elas. O intuito foi trazer dados mais densos sobre as doenças mais comuns e mais citadas pelas benzedeiras, interlocutoras deste estudo.

3.2.5 Quem procura a benzedeira

Os benzimentos são práticas culturais que atravessaram séculos e estão muito presentes no cotidiano das camadas populares, mas não restrita a elas, uma vez que os sistemas culturais são abertos, com fluxos que abrangem distintos grupos de uma sociedade.

Da dinâmica cultural do sistema de benzer participam mulheres e homens do povo, tanto das classes dominantes quanto das classes populares, embora levantamento realizado nesta pesquisa aponte que a busca por benzedeiras no município de Matinhos seja predominantemente realizada pelos últimos.

Os pacientes das benzedeiras em Matinhos são, sobretudo, membros da classe trabalhadora. Durante as conversas que realizei com pacientes na fila, enquanto aguardavam atendimento, notei que alguns deles aproveitavam o intervalo do trabalho para procurar a benzedeira. Foram recorrentes, também, os relatos de pessoas desempregadas que buscavam na benzedeira as bênçãos para conseguir um emprego.

Para Boltanski (1979) a relação que os membros das classes populares mantêm com o curandeiro “reside principalmente, no fato de que ele explica ao doente a doença de que ele sofre” (BOLTANSKI, 1979, p. 61). Utilizando de uma linguagem acessível, o curandeiro fornece explicações que contêm representações da doença efetivamente próximas das representações latentes dos membros das classes populares. Há comunicação entre eles, entendimento, escuta e diálogo.

De maneira mais geral, para Boltanski (1979) o curandeiro, é um especialista qualificado para identificar e curar doenças, seja no âmbito físico ou espiritual, mas ainda sim é membro das classes populares, de cujo modo de vida e pensamento compartilha. Em outras palavras, o curandeiro pertence à mesma classe que o doente, “na maior parte do tempo exerce assim como ele uma profissão manual,

frequenta o mesmo meio social, e é frequentemente recrutado dentro da família ou no círculo de relações” (BOLTANSKI, 1979, p. 62).

A busca por benzedadeiras é uma cultura que está enraizada nas comunidades. Ao questionar os pacientes com quem tive a oportunidade de conversar enquanto aguardavam atendimento, sobre o “porquê” da procura da benzedeira, obtive respostas tais como: “eu sempre frequentei benzedeira, desde criança, assim como meus pais” ou “prefiro vir á benzedeira a ir ao médico”. Na interlocução, interpretei certa desconfiança sobre o modo de agir dos médicos. Segundo Quintana (1999) muitos médicos adotam uma atitude autoritária, desqualificando os pacientes pelas representações que possuem do seu próprio corpo, da doença e dos princípios de higiene, ou atribuindo eficácia exclusiva à medicina científica com a única capaz de colocar ordem dentro do discurso dos pacientes. Esta postura colabora para a preferência dos serviços das benzedadeiras nas camadas sociais populares.

Essa abordagem de recorte sociológico colabora para compreender por que há essa predominância de membros das classes populares na busca pelas dádivas das benzedadeiras residentes no município de Matinhos. Embora, dentre as benzedadeiras pesquisadas, todas tenham relatado que já atenderam pessoas de classes sociais mais altas, como médicos, juízes e professores da universidade, ainda que minoritariamente.

Durante o campo pude observar que os pacientes das benzedadeiras em Matinhos são, sobretudo, mulheres e crianças. A presença de homens nas filas em frente às casas das benzedadeiras aguardando atendimento ocorria com menor frequência. E, na maioria das ocasiões, estes estavam acompanhando as esposas e filhos. Com relação à faixa etária dos pacientes, observei principalmente a presença de pessoas idosas aguardando atendimento.

4 HIERARQUIA DOS SABERES E OS PAPEIS SOCIAIS DE GÊNERO

Partimos do pressuposto que os saberes e fazeres das benzedadeiras residentes em Matinhos refletem conhecimentos, valores e saberes próprios dos segmentos populares, num mundo que, embora epistemologicamente diverso, sofreu um processo de homogeneização sob o pretexto da ‘missão colonizadora’.

Através da intervenção política, econômica e militar do colonialismo (SANTOS, 2004), suprimiram e marginalizaram a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo, gerando o que Santos (2009) chamou de epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais/autóctones perpetradas por um conhecimento exógeno/alóctone. Portanto, o recorte temático desta pesquisa é sensível à cosmovisão e ao caráter pluriverso do repertório de saberes e fazeres das mulheres benzedeadas.

A história da colonização da América pelos europeus é também a história do que consideramos ter sido o pontapé inicial do processo de dominação epistemológica, “que conduziu a supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados” (SANTOS, 2009, p. 13). O resultado disso foi o controle hegemônico da Europa, abarcando todas as formas de controle da subjetividade, da cultura e, em especial dos regimes de produção do conhecimento (QUIJANO, 2005). Este processo corresponde ao que Santos (2009) chamou de *epistemicídio*, em outras palavras, o desaparecimento - ou silenciamento - deliberado de conhecimentos e saberes locais relevantes e comensuráveis.

Segundo Quijano (2005), o *epistemicídio* (SANTOS, 2009) ocorreu principalmente através de duas ações: a expropriação das populações colonizadas, de seus conhecimentos culturais considerados mais relevantes para o europeu e pela forte repressão das “formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade” (QUIJANO, 2005, p. 121).

Quijano (2005, p. 121) aponta que a associação do etnocentrismo colonial e da classificação racial universal “ajudam a explicar por que os europeus foram levados a sentirem-se, não só superiores a todos os demais povos do mundo, mas, além disso, naturalmente superiores”. Os europeus geraram uma nova perspectiva temporal da história (QUIJANO, 2005) e re-situaram os povos colonizados no passado, numa posição que antecede a Europa, em outras palavras, “os povos colonizados eram raças inferiores e –portanto– anteriores aos europeus” (QUIJANO, 2005, p. 122).

Esta prerrogativa introduz uma perspectiva de racialização na hierarquia das relações coloniais. Para Quijano (2009, p. 74) configurou-se “um novo universo de relações intersubjetivas de dominação sob hegemonia eurocentrada” que, depois denominou-se modernidade. Dentro desse universo intersubjetivo foi elaborado e

formalizado um modo de produzir conhecimento, “esse modo de conhecimento foi, pelo seu caráter e pela sua origem, eurocêntrico” (QUIJANO, 2009, p. 74). Considerado como única forma de conhecimento racional foi imposto e admitido como emblema da modernidade, decorrendo assim na naturalização e reprodução dessa perspectiva.

Trata-se da perspectiva cognitiva durante o longo tempo do conjunto do mundo eurocentrado do capitalismo colonial/moderno e que naturaliza a experiência dos indivíduos nesse padrão de poder. Ou seja, fa-las entender como naturais, consequentemente como dadas, não susceptíveis de ser questionadas. (QUIJANO, 2009, p. 75).

Desse modo, compreende-se que a epistemologia ocidental dominante foi construída baseada na dominação colonial, traduzida na construção de hierarquias entre conhecimentos (SANTOS, 2009), exercendo uma relação de poder sobre as populações colonizadas, classificando seus saberes como conhecimentos não válidos, na tentativa de estabelecer um saber universal e racializado. Aderindo a perspectiva de Quijano (2009) a estratificação racial se sobrepõe ao poder colonial, criando outras hierarquias no processo de domínio.

Nesta perspectiva, é possível realizar uma interlocução entre as relações de poder e a produção histórica do que é tido como verdade, em outras palavras, do que é considerado conhecimento válido dentro de cada sociedade. Para Foucault, “a verdade não existe fora do poder ou sem o poder” (FOUCAULT, 2015, p. 51), nessa perspectiva, a verdade é produzida dentro de relações de poder.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros, as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2015, p.52).

Segundo Foucault (2015), nossa sociedade produz efeitos de verdade a todo instante, sendo que essas produções de verdade, não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder. Para compreender como se relacionam o poder, o saber e a verdade é preciso pensar também o papel das instituições dentro dessa relação.

No contexto sócio histórico brasileiro, a hierarquia entre os papéis sociais que homens e mulheres ocupam na sociedade, se reflete no Brasil colônia através do modelo patriarcal de família que esteve na base da formação social brasileira (FREYRE, 2006).

Muitos aspectos da nossa sociedade podem ser compreendidos através do modelo patriarcal descrito por Freyre (2006). Para o autor, o modelo patriarcal transcende a esfera familiar, refletindo na política e na economia e desempenhando um papel fundamental na definição da nossa história. As relações de poder exercidas de forma privada, ou seja, no seio da família, estendem-se ao domínio público definindo os papéis sociais, desempenhados por homens e mulheres na sociedade desde o período colonial, até a história moderna e contemporânea brasileira.

Em conjunto, estes autores observam que a compreensão dos processos de dominação requer uma abordagem que considere as múltiplas dimensões que demarcaram as hierarquias de poder. Na abordagem do processo colonial é imperativo a hierarquia relacionada a pertença de origem do colonizador, estabelecendo um recorte eurocentrado, para compreensão do poder. Sobre este corte, outros se sobrepõem raça, etnia, classe e, fundamentalmente gênero.

O domínio da terra nas Américas esta correlacionado a regimes patriarcais, que expandem o poder colonial sobre os corpos da terra, dos nativos da terra, dos povos escravizados e, sobretudo os corpos das mulheres (DAVIS, 2016). Nesta perspectiva, podemos compreender os corpos das mulheres como primeiro território de dominação colonial.

Assim como a hegemonia eurocêntrica traçou a construção de hierarquias entre conhecimentos, subjugando e menosprezando os saberes dos povos colonizados, fruto deste mesmo sistema patriarcal é o papel que homens e mulheres ocupam na sociedade hoje.

Em outras palavras, historicamente, os homens ocupam papéis de prestígio e poder na sociedade, cabendo às mulheres papéis secundários, uma vez que, durante muito tempo, a educação da maioria delas foi destinada apenas para o mundo privado. Deste modo, a escolarização feminina aconteceu tardiamente, especificamente no que se refere ao ensino superior, ou seja, aos espaços de educação formal, produtores do saber instituído, tido como oficial, legitimando assim, a ideologia patriarcal.

Ao analisar a história do desenvolvimento e avanço da medicina institucional encontramos evidências que apontam para o crescimento da profissão médica, ou seja, do conhecimento tido como oficial e superior totalmente associada à predominância de profissionais masculinos nessa área (EHRENREICH; ENGLISH, 2017), cabendo às mulheres desempenhar funções que estivessem subordinadas aos médicos (parteiras, enfermeiras etc).

A predominância de profissionais masculinos nos espaços onde se produz o saber biomédico, tido como oficial, não se dá em virtude de um processo “natural”, diretamente ligado à evolução da ciência médica, ou pela incapacidade das mulheres para realizar o trabalho de curadora, mas acontece, sobretudo, pela busca do monopólio político e econômico da medicina, e, portanto do controle de sua organização institucional, da teoria e da prática, dos benefícios e o prestígio da profissão (EHRENREICH; ENGLISH, 2017).

Essa situação reflete as relações de poder históricas patriarcais, de homens sobre mulheres, do conhecimento biomédico, sobre os conhecimentos empíricos da medicina popular e da dominação epistemológica dos colonizadores sobre os povos colonizados.

Ao realizar um levantamento de artigos que tem como foco os saberes e fazeres de mulheres, especificamente de benzedadeiras, observou-se que, a expressiva atuação das mulheres nas práticas informais de cura, pode ser compreendida no âmbito da construção dos papéis sociais exercidos por homens e mulheres na sociedade e na divisão sexual do trabalho (TRINDADE, 2012).

Segundo Rezende (2009, p. 131), “a medicina, assim como a carreira militar e a eclesiástica, sempre foi atividade considerada própria do sexo masculino”. Na Idade Média, cultivava-se a ideia de que a medicina se tratava de uma profissão inadequada à mulher por razões de ordem moral.

Quando muito admitia-se a colaboração da mulher no cuidado aos doentes como enfermeira, função exercida durante séculos pelas religiosas de várias ordens (irmãs de caridade), ou na assistência às parturientes, como parteiras. (RESENDE, 2009, p. 131).

A primeira mulher a receber oficialmente o diploma e o título de doutora em medicina, teria sido Dorotea Cristina Erxleben, em 1751, na Universidade de Halle, Alemanha, causando assombro em toda Europa (SILVA, 1954). Nos Estados

Unidos, em 1809, as primeiras mulheres que conseguiram se matricular em um colégio médico na Pensilvânia, foram motivo de chacota, insulto e desrespeito por parte dos outros estudantes. Na mesma época, na Inglaterra:

As primeiras moças que conseguiram matrícula no curso médico foram vaiadas, insultadas e agredidas pelos rapazes. A reitoria abriu um inquérito administrativo e decidiu pela expulsão das alunas, considerando-as culpadas pelos distúrbios. (RESENDE, 2009, p. 132).

No Brasil, até 1879, era vedado o estudo de medicina para mulheres. A primeira mulher a receber o diploma em medicina foi Maria Augusta Generoso Estrela, natural do Rio de Janeiro. Maria Augusta, com apenas dezesseis anos de idade, dirigiu-se aos Estados Unidos em 1875, tendo concluído o curso em Nova York, em 1881. Retornando ao Brasil em 1882, revalidou o seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, passando a exercer a clínica (RESENDE, 2009).

Em 1879, apesar das autorizações legais para o acesso das mulheres no curso de medicina no Brasil, a tradição cultural e os preconceitos sociais continuavam a opor-se à presença das mulheres na profissão médica (MAIA, 1995).

Leandro Malthus, em uma publicação de 1883, intitulada *Apontamentos e Comentários sobre a Escola de Medicina Contemporânea*, assim escreveu sobre as estudantes mulheres matriculadas no curso médico: “São desertoras do lar. São, finalmente, os inconscientes arautos que nos vêm mostrar os prenúncios funestos da dissolvência da família.” (MAIA, 1995, p. 61).

Os exemplos de misoginia que permearam este processo são abundantes, desta forma compreendemos que o domínio masculino do conhecimento biomédico instituído, tido como oficial caminha lado a lado com o processo de dominação colonial eurocentrada do modo de produzir conhecimento em detrimento das formas de produção de conhecimento dos povos colonizados.

O esforço deste capítulo se fez necessário para situar que há um recorte de gênero que agrava a posição das benzedeadas frente aos estigmas sociais que buscam desconstituir o seus saberes e fazeres, e que está relacionado com domínio patriarcal, uma hegemonia masculina que se estende das escalas comunitárias de poder.

5 DAS CURANDEIRAS MEDIEVAIS ÀS BENZEDEIRAS ATUAIS

5.1 O ESTIGMA QUE ACOMPANHA A MULHER BENZEDEIRA

Foi possível observar nos discursos das benzedadeiras entrevistadas nesta pesquisa elementos que apontam para a existência de um estigma (GOFFMAN, 1988) que acompanha a figura da mulher benzedeira.

Para o cientista social Erving Goffman (1988) o estigma é uma relação entre atributo e estereótipo, e tem sua origem ligada à construção social dos significados através da interação, em outras palavras, o estigma é um processo estabelecido pelo meio social.

O estigma é um rótulo que depende fundamentalmente das relações sociais, de assimetria e de poder, para ser aplicado:

o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. (GOFFMAN, 1988, p. 178).

Goffman (1988) acredita que a pessoa estigmatizada possui duas identidades: a real e a virtual. A identidade real é o conjunto de categorias e atributos que uma pessoa prova ter; e a identidade virtual é o conjunto de categorias e atributos que as pessoas têm para com o estranho que aparece a sua volta, portanto, são exigências e imputações de caráter, feitas pelos “normais”, quanto ao que o “estranho” deveria ser.

Deste modo, uma dada característica pode ser um estigma, especialmente quando há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. Para Goffman (1988) o estigmatizado poderia ser “aquele que não está habilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 1988, p. 7).

As relações sociais cotidianas na sociedade propiciam um relacionamento entre pessoas previstas e pessoas esperadas em determinados espaços. Neste contexto, quando um ou mais dos atores envolvidos nessas relações foge ao padrão requerido, dentro ou fora das instituições totais, há um confronto entre a identidade social real e as expectativas normativas, fruto da identidade social virtual, gerando assim o processo de estigmatização (GOFFMAN, 1988). Desta forma, o estigma

ajuda a provocar a marginalização e a criminalização de alguns grupos excluídos socialmente.

Durante o trabalho de campo, pude observar situações e ouvir relatos das benzedeadas entrevistadas, ocasiões em foram vítimas deste processo de estigmatização (GOFFMAN, 1988). No caso das benzedeadas residentes em Matinhos este processo está vinculado a um grupo social específico, os integrantes de religiões pentecostais.

A benzedead Dona I relatou que possui vizinhos evangélicos e que mais de uma vez teriam realizado comentários a seu respeito, insinuando que a benzedead teria “parte com o demônio”. Em uma das ocasiões a benzedead comentou que adoraria colocar uma cortina em sua varanda (local onde realiza os benzimentos) a fim de evitar os olhares curiosos e maldosos da vizinhança.

Já a benzedead Dona D, relatou que dentre seus pacientes há pessoas de religiões evangélicas, porém estas pessoas pedem que a benzedead mantenha em sigilo as visitas, uma vez que a religião a qual estas pessoas seguem não permite relações dos fieis com benzedeadas, principalmente tratando se da benzedead Dona D, que é espírita kardecista.

Em outra ocasião, meu vizinho, Seu M, me acompanhou a casa da benzedead Dona N, que fica na mesma rua de nossas residências. No caminho comentou que é padrinho de uma das filhas da benzedead, mas que após ter se convertido a determinada religião evangélica deixou de frequentar a casa da comadre.

Segundo Seu M o pastor da igreja não vê com bons olhos fiéis que frequentam benzedeadas, e não recomenda que se mantenham relações com as mesmas, uma vez que as benzedead estariam vinculadas a ofícios diabólicos. Seu M garantiu que não acredita que sua comadre faça mal a ninguém, mas preferiu seguir as orientações do pastor para não contrariar a igreja.

Segundo o sociólogo Mariano (2005) a demonização consiste no principal argumento utilizado pelas igrejas evangélicas para estimular os ataques contra outras expressões religiosas. Associando as entidades e os rituais das benzedeadas à feitiçaria e magia negra, as religiões pentecostais se inserem num contexto de combate, onde, marcadamente as forças do bem, protagonizadas por Deus, prevalecerão sobre o mal (MARIANO, 2005).

A eficiência desse processo de demonização se baseia em condições históricas, uma vez que ao longo do tempo, mulheres têm sofrido deste estigma justificador de longos processos de perseguição religiosa. Portanto, é possível traçar um paralelo entre o que observamos na escala etnográfica contemporânea com o período inquisitório que ficou conhecido como caça às bruxas.

A Idade Média foi um período em que os mecanismos de controle passam a ser institucionalizados de maneira mais eficiente, seja pela igreja, seja pelo Estado emergente. Neste contexto se consolidam estratégias de perseguição às mulheres, principalmente camponesas, que detinham conhecimentos e utilizavam plantas para realização de curas e tratamentos de doenças e outros males.

Segundo as antropólogas Ehrenreich e English, historicamente, “as mulheres foram curandeiras autônomas e seus cuidados foram muitas vezes a única atenção médica ao alcance dos pobres e das próprias mulheres” (EHRENREICH; ENGLISH, 2017, p. 4).

As mulheres sempre foram curandeiras. Elas foram as primeiras médicas e anatomistas da história ocidental. Eram também enfermeiras, conselheiras e realizavam abortos. Foram as primeiras farmacêuticas com seus cultivos de ervas medicinais, compartilhando os segredos dos seus usos. Durante séculos, as mulheres foram médicas sem diploma, excluídas dos livros e das palestras, aprendendo umas com as outras e passando suas experiências entre vizinhas e de mãe para filha. As pessoas as chamavam de mulheres sábias, ainda que para as autoridades fossem bruxas ou charlatonas. A medicina forma parte da nossa herança como mulheres, é nossa história, nosso direito inato. (EHRENREICH; ENGLISH, 2017, p.3).

Na Idade Média, as mulheres sábias, ou bruxas, possuíam uma diversidade de remédios experimentados durante anos de uso. Preparos de ervas curativas descobertos por elas continuam sendo utilizados na farmacologia moderna (EHRENREICH; ENGLISH, 2017).

(...) as bruxas eram pessoas empíricas: confiavam mais em seus sentidos do que na fé ou na doutrina; acreditavam na experimentação, e na relação entre causa e efeito. Não tinham uma atividade religiosa passiva, mas ativamente indagadora. Confiavam em sua própria capacidade para encontrar formas de atuar sobre as enfermidades, a gestação e o parto – seja através de medicações ou com práticas mágicas. Em resumo, sua magia era a ciência da sua época. (EHRENREICH; ENGLISH, 1973, p. 18).

Mas quem eram as curandeiras medievais? Segundo Angelin (2005), grande parte das mulheres perseguidas e condenadas por bruxaria na época, eram apenas

mulheres curandeiras a serviço da população camponesa Bruxas eram as parteiras, as enfermeiras e as assistentes. Conheciam e faziam uso de plantas medicinais para curar enfermidades e epidemias nas comunidades em que viviam e, conseqüentemente, eram portadoras de um elevado poder social (ANGELIN, 2005).

A partir disso, é possível reconhecer que “centenas de milhares de mulheres não poderiam ter sido massacradas e submetidas às torturas mais cruéis se não tivessem proposto um desafio à estrutura de poder” (FERDERICE, 2004, p. 302). Este processo constituiu um ponto decisivo na história das mulheres, portanto esclarecer as conexões mencionadas é fundamental para compreender a misoginia que ainda caracteriza a prática institucional, as relações entre homens e mulheres e, sobretudo o processo de estigmatização da mulher benzedeira.

Os casos relatados pelas benzedadeiras em Matinhos apontam para uma conexão entre a prática do benzimento e o estigma, que vincula a benzedeira com o “perigo” representado pela proximidade com praticas demoníacas. Remetendo as curandeiras medievais, as benzedadeiras atuais carregam consigo a herança social das mulheres “portadoras de ofícios diabólicos, perigosas, hereges, produtoras de remédios, ervas que afetavam a mente dos homens, dentre tantas outras acusações” (PADILHA, 2011, p.2878).

De certa forma o ofício de benzer aproxima a benzedeira de uma escala profana, paradoxalmente quase todas as sujeitas dessa pesquisa estabelecem suas praticas de benzer mediadas por santos do panteão do catolicismo popular, o que poderia simbolicamente sugerir uma adesão a uma escola do “sagrado”.

Sagrado e profano são dois polos que tencionam a posição social das benzedadeiras diante de uma diversidade de sujeitos que com elas se relacionam, ora interpretando suas praticas como profano-demoníacas e estigmatizando as praticantes, ora reconhecendo nas mesmas práticas uma aura sagrada, identificando a praticante a partir de seu poder de mediação com a cura, com a graça, com a dádiva.

Por fim, é possível traçar um paralelo entre as curandeiras medievais e as benzedadeiras atuais, ao observar que ambas sofreram processos de perseguições e foram estigmatizadas ao longo do tempo. Esta semelhança coloca essas mulheres em posições ambíguas: curandeiras, benzedadeiras, bruxas e feiticeiras, dentre outras. Isso demonstra o universo dual que as qualifica tanto para o bem, quanto para o mal.

6 CONSIDERAÇÕES, REFLEXÕES E ANÁLISES FINAIS

As benzedeiras desenvolvem a importante função de guardiãs de saberes e técnicas milenares, como afirmam Castro e Melo (2007). Adentrar no mundo dos saberes e fazeres destas mulheres foi motivo de grande satisfação e conhecimento diante do ofício em questão.

Através da pesquisa etnográfica e de, uma breve, mas importante revisão bibliográfica observou-se que os sistemas de benzer ainda constituem um elemento importante na estrutura social e cultural do município de Matinhos. A demanda constante de pacientes que aguardam em frente às residências das benzedeiras, demonstra o importante papel que essas mulheres desempenham na comunidade.

É evidente que a revisão da literatura sobre o tema benzedeiras foi fundamental para estabelecer diálogos entre o que era observado empiricamente e as teorias apresentadas pelos autores. Desta forma, uma das preocupações foi não repetir o que estes pesquisadores e pesquisadoras já haviam investigado e descoberto e, preferencialmente trazer novas perspectivas que pudessem contribuir para ampliação da discussão a respeito da temática.

Neste sentido, para compreender melhor como se estabelecia a fluidez do repertório de saberes e fazeres das benzedeiras em Matinhos, apoiei-me no princípio da reciprocidade, do dom/dádiva que Marcel Mauss definiu no seu estudo clássico *Ensaio sobre a Dádiva* (MAUSS, 2003). Buscando entender às práticas ritualizadas do benzimento e seus desdobramentos, a partir do processo de circulação de dádivas que instaura uma série de prestações e contra prestações, envolvendo as benzedeiras em relações sociais que se desdobram também no âmbito espiritual, da flora e da fauna, ou seja, da natureza e da sobre natureza.

Ao mobilizar matérias e energias, ativando as representações e as crenças que articulam os sujeitos na busca da saúde, da cura, da abundância, da realização material e espiritual, as benzedeiras fazem circular dons e dádivas, misturando e reativando a reciprocidade – força motriz da vida em sociedade (MAUSS, 2003).

O princípio da reciprocidade também está presente no processo de iniciação e, no que chamamos de teias de reciprocidade do dom, ou seja, o processo de transmissão/manutenção dos saberes e fazeres das benzedeiras. Verificamos entre as benzedeiras em Matinhos que este processo aconteceu de duas formas: através da imitação de outra benzedeira ou benzedor, comumente presente nas próprias

famílias das benzedadeiras e através de experiências místicas, quando a transmissão acontece através de uma entidade espiritual que pode se entendida como Deus, anjos, santos e santas ou guias espirituais.

Em comum entre as benzedadeiras entrevistadas, está o fato de que o dom não é algo que pode ser aprendido ou ensinado - como as rezas, gestos, simpatias e remédios - o dom é algo recebido, presente divino, tornando, portanto, o benzimento antes de uma escolha, uma obrigação. Afinal, embora existam pessoas com conhecimentos curativos nem todas receberam a dádiva de intermediação entre o real e o sobrenatural. São nestas relações particulares, de proximidade com as entidades divinas que reside o poder da benzedeira.

Com relação ao processo de reconhecimento e legitimação das benzedadeiras em Matinhos nos deparamos com três momentos recorrentes: a aceitação e reconhecimento do dom pela própria benzedeira, passando a benzer família e parentes próximos; depois quando vizinhos e amigos passam a busca-la reconhecendo-a como agente articuladora de cura; e por fim quando pessoas externas as relações comunitárias, ou seja, pessoas totalmente desconhecidas pelas benzedadeiras passam a busca-las, geralmente pela indicação de amigos e conhecidos consolidando assim a legitimação e reconhecimento da benzedeira pela comunidade.

Porém, como verificado em campo, este processo pode seguir a ordem inversa, como relatou a benzedeira Dona I que já era reconhecida como benzedeira antes mesmo dela própria reconhecer-se e aceitar seu dom.

Outro aspecto que consideramos pertinente enfatizar foi a significação atribuída aos principais elementos materiais e imateriais que integram o repertório de saberes e fazer das benzedadeiras em Matinhos. Como observado alguns são imprescindíveis para realização da maioria dos benzimentos, como exemplo, podemos citar: a pedra de vidro da benzedeira Dona I, o ramo de arruda da benzedeira Dona N, a vela acesa da benzedeira Dona D, e a fé como elemento imaterial indispensável para todas elas.

O dia-dia das benzedadeiras entrevistadas neste estudo é composto por um arsenal de elementos materiais: velas, ramos verdes, água, pedras, agulha, linha, tecido, santos; e imateriais, orações, preces, fé, o dom e a espiritualidade, dentre outros. Estes elementos variam de benzedeira para benzedeira e só adquirem um sentido, ou seja, se tornam eficazes, quando incorporados no contexto da prática

ritualizada. Neste contexto, o altar da benzedeira pode ser correlacionado à identidade de cada benzedeira, uma vez que cada uma delas possui seu próprio jeito de organiza-lo, de acordo com suas crenças e com o significado de cada elemento.

Outro aspecto que mereceu certa ênfase neste trabalho foi às doenças e males que exigem o trabalho das benzedadeiras. As “doenças de benzedeira”, muitas vezes não constam na lista de tratamentos da medicina institucionalizada, e possuem seu diagnóstico definido e elaborado pela própria benzedeira. Mas isto não significa que exista oposição ou disputa entre os dois sistemas, pelo contrario, há certa complementariedade entre eles. Como definido pelas próprias benzedadeiras, assim como há “as doenças de benzedadeiras” há também “as doenças de médico”.

Com relação aos pacientes que buscam pelos serviços das benzedadeiras no município de Matinhos, como verificado em campo são, sobretudo, membros da classe trabalhadora. Acreditamos que este fator indique haver uma identificação entre pacientes e benzedadeiras, uma vez que ambos são membros da mesma classe popular, de cujo modo de vida e pensamento compartilham.

A ausência de novos aprendizes configura-se como uma das maiores obstáculos na transmissão dos saberes e fazeres das benzedadeiras em Matinhos. Tanto que das benzedadeiras entrevistadas nesta pesquisa, somente a benzedeira Dona I, tem na neta sua possível sucessora. O desinteresse da juventude pode estar relacionado a vários fatores relacionados ao ofício de benzer, mas percebemos que a não valorização e divulgação desse conhecimento popular é uma das principais causas.

Outro obstáculo que o ofício de benzer enfrenta está relacionado às religiões evangélicas. “Associada ao catolicismo popular, a benzeção tem sido condenada por crentes que questionam sua eficácia” (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015, p. 122) e condenam suas práticas, assim como outros elementos que compõe o benzimento, o uso de imagens sacras ou evocação dos santos. Dentre as benzedadeiras pesquisadas duas relataram situações em que praticantes de religiões evangélicas as teriam constrangido e sugerido uma relação entre o ofício de benzer e bruxaria.

A benzedeira Dona I, relata se sentir constantemente observada e coagida pelos vizinhos “crentes” enquanto benze os pacientes em sua varanda. No entanto, há o relato da benzedeira Dona D que contou atender evangélicos, porém, com a

condição de manter o sigilo dos familiares destes e da comunidade no geral. Apontando para a posição ambígua que ocupa a mulher benzedeira, que ora a qualifica para o bem e ora a qualifica para o mal.

O repertório de saberes e fazeres das benzedeadas em Matinhos refletem conhecimentos, valores e saberes próprios dos segmentos populares, num mundo que embora, epistemologicamente diverso, sofreu um processo de homogeneização sob o pretexto da 'missão colonizadora'. Através da intervenção política, econômica e militar do colonialismo (SANTOS, 2004), suprimiram e marginalizaram a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo, gerando o que Santos (2009) chamou de epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais/autóctone perpetrada por um conhecimento exógeno/alóctone.

Neste sentido, assim como a hegemonia eurocêntrica traçou a construção de hierarquias entre conhecimentos, subjugando e menosprezando os saberes dos povos colonizados, fruto deste mesmo sistema patriarcal é o papel que homens e mulheres ocupam na sociedade hoje. Essa situação reflete as relações de poder históricas patriarcais, de homens sobre mulheres, do conhecimento biomédico, sobre os conhecimentos empíricos da medicina popular e da dominação epistemológica dos colonizadores sobre os povos colonizados.

As benzedeadas, tal qual conhecemos hoje, sofreram um processo de estigmatização (GOFFMAN, 1988). Este processo remonta ao período da Idade Média, onde entre os séculos XII e XIII, inúmeras mulheres curandeiras foram queimadas em fogueiras da inquisição para que servissem de exemplo às demais pessoas que fugiam ao padrão requerido pelos dogmas da Igreja (FREDERICE, 2004), e, desta forma, não estavam habilitadas a aceitação social plena (GOFFMAN, 1988). Diante disso, é possível traçar um paralelo entre as curandeiras medievais e as benzedeadas atuais, ao observar que ambas sofreram processos de perseguições e foram estigmatizadas ao longo do tempo.

O horizonte desta pesquisa pode, futuramente, se desdobrar numa análise que amplie a perspectiva para pensar em que medida as práticas ritualizadas de benzimento vem contando com políticas públicas de reconhecimento, visto que, é possível observar que políticas públicas de saúde, vêm gradativamente, reconhecendo certas práticas que até pouco tempo eram marginais como: acupuntura, homeopatia dentre outras.

Nesse cenário contemporâneo, movimentos sociais, povos indígenas, lutam pelo reconhecimento de seus sistemas tradicionais de saúde, suas práticas e especialistas, no âmbito de políticas de reconhecimento da medicina tradicional, ou medicina tradicional indígena. Parteiras, xamãs, integram esses sistemas. (e.g. FREITAS; ROKÀG, 2007; MARX; CELIBERTI, 2017).

Marx e Celiberti (2017), analisando o movimento de mulheres nas fronteiras Uruguai – Brasil, abordam a luta dessas mulheres numa perspectiva contra-hegemônica e decolonial. Para elas, “a questão de gênero e raça não pode ser separada quando se fala de movimento de mulheres latino-americanas” (MARX e CELIBERTI, 2017, p. 132), o que aponta para outras possibilidades de análise que tomem em consideração mais direta essas categorias sociológicas. A diversidade ingressa na análise como elemento positivo, e as autoras propõem que “a pluralidade no diálogo constitui-se como uma ferramenta política e emancipadora, onde a política feminista se constrói na diversidade e na diferença de olhares, mas que ao mesmo tempo converge em novas epistemologias, pedagogias e agendas” (idem).

No contexto do Estado do Paraná, há um movimento social organizado que luta pelo reconhecimento e valorização dos ofícios tradicionais de cura detidos por centenas de benzedeadas, benzedores, curandeadas, curadores, rezadeadas, remediadores, costureiras e costureiros de rendidura e parteiras.

O grupo MASA - Movimento de Aprendizizes da Sabedoria, tem fortalecido e incentivado as benzedeadas a reivindicarem seus direitos. Entre os anos de 2009 e 2010 o MASA, em parceria com o Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil - PNCDPCTB/Núcleo Sul, realizou o Mapeamento Social das Benzedeadas dos municípios de São João do Triunfo e Rebouças, no Estado do Paraná.

Além de garantir a manutenção dos costumes, o projeto foi vencedor nacional da 24ª edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, instituído pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, na categoria Salvaguarda de Bens de Natureza Imaterial.

Pode se concluir que mesmo frente aos processos de estigmatização, silenciamento e marginalização, a permanência das benzedeadas no cotidiano dos moradores de Matinhos e outras localidades, demonstra o reconhecimento de uma esfera essencial ao bem estar do indivíduo, o qual o saber biomédico não consegue

acessar, o cuidado do corpo e do espírito do paciente. No entanto, importante ressaltar que a benzedeira não tem a sua prática como concorrente da biomedicina, uma vez que o ofício de benzer pertence a esferas diferentes, e se compreende abrangendo outros aspectos além da saúde física, como apontam suas protagonistas.

REFERÊNCIAS

ANGELIN, R. A “caça às bruxas”: uma interpretação feminista. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 53, 2005.

ARAÚJO, F. L. Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: estudo de caso sobre uma benzedeira. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. n. 18, p. 81-97, 2011.

BIGARELLA, J. J. **Matinho... homem e terra – reminiscências**. 2 ed. Matinhos/ PR: Prefeitura Municipal de Matinhos/Fundação João José Bigarella para Estudos e Conservação da Natureza, 1999.

BOLTANSKI, Luc. 1979. **As Classes Sociais e o Corpo**. Rio de Janeiro: Graal.
BRASIL. IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Caderno Estatístico Município de Matinhos. Dezembro 2016. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=83260>>. Acesso em: 10 de março de 2019.

CÂMARA, Y. R.; MINGO, C. S.; CÂMARA, Y. M. R. Das bruxas medievais às benzedeadas atuais: a oralidade como manutenção da memória na arte de curar - uma pesquisa exploratória. **Boitata**, v. 11, n. 22, p. 221-236, 2016.

CARDOSO, R. **O trabalho do antropólogo**. 2.ed. São Paulo Editora UNESP, 2000.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2001.

CASTRO, B. R.; MELO, K C B. **Benzedores e Sentinelas: Idosos são guardiões de tradições milenares**. UFAL. 2007.

IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 de março de 2019.
CRUZ, A. S. C. S. Entre religiosidade, emoção e gênero: a crença nos dons de Dona Nilda benzedeadas e sua festa de São Cosme e São Damião em Matinhos/PR (1992-2016). Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

CUNHA, L. A. DA; ASSUNÇÃO, L. C. Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeadas. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 9, n. 27, p. 189–227, 2016.

DENARDIN, V. F.; LOUREIRO, W.; SULZBACH, M. T. Distribuição de benefícios ecossistêmicos: o caso do ICMS ecológico no litoral paranaense. **Redes**, v. 13, n. 2, p. 184–198, 2008.

DIAS, V. F et al. Saberes e fazeres quilombolas da comunidade Kalunga do prata goiás: as benzedeadas, seus benzimentos e suas contribuições para a educação do campo. **JNT - Facit Business and Techonology Journal**, v. 1, n. 2, 2016.

- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 5. ed. São Paulo: Hucitec; NUPAUB, 2004.
- EHRENREICH, B.; ENGLISH, D. **Bruxas, parteiras e enfermeiras Uma história das curandeiras**. Tradução Bruxaria Distro e Coletiva Feminista Nós Soltas. Editora Subta, 2017.
- ENCARNAÇÃO, P.; OLIVEIRA, C.; MARTINS, T. O papel da fé na promoção da saúde em pacientes com esclerose múltipla. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 29, n. 4, p. 574–584, 2016.
- FEDERICE, S. **Calibã e A Bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. 1º ed. 2017.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51 ed. São Paulo: Global, 2006.
- FREITAS, A. E. C. A Poética do Belo Caminhar: Arte, ecologia, resistência e narrativa Mbyá Guarani. **TOM UFPR**. v2, n4, 2016.
- FREITAS, A.E.C. ; ROKÀG, F.S. O kujà e o sistema de medicina tradicional kaingang – “por uma política do respeito”: Relatório do II Encontro dos Kujà, Terra Indígena Kaingang Morro do Osso, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**. V. IV, nº7/8. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2007.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro; LTC, 2008.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. LTC, 1988.
- HARDER, E.; FREITAS, A. E. C. Envelhecer na invisibilidade: tempo e narrativa na Ponta Oeste da Ilha do Mel, Paraná, Brasil. **ILUMINURAS**, v. 16, n. 40, 2015.
- HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. Velhas benzedeadas. Mediações - **Revista de Ciências Sociais**, v. 17, n. 2, p. 126–140, 2012.
- _____. “Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benção”. **Guaju**, v.1, n. 2, p. 110–126, 2015.
- LADEIRA, M. I. Espaço Geográfico Guarani Mbya: significado, constituição e uso. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto Socioambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MAFRA, C. Censo de religião: um instrumento descartável ou reciclável? **Religião e Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 152-159, 2004.

MAIA, G. D. **Biografia de uma faculdade**. UFRJ, 1995.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos na Nova-Guiné melanésia**. 2 ed. São Paulo. Abril Cultural, 1978.

MALUF, S. **Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MANDÚ, E. N. T.; SILVA, G. B. Recursos e estratégias em saúde: saberes e práticas de mulheres dos segmentos populares. **Rev.atino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p.15-21, 2000.

MARX, V.; CELIBERTI, L. Diálogo de mulheres de fronteira no contexto da universidade popular dos movimentos sociais: novas metodologias e agendas. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 119-133, jan/jul, 2017.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande, Brasil: EDUEPB, 2011.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. 1 ed. Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS, R. E. G. DE; NASCIMENTO, E. G. C. DO; DINIZ, G. M. D.; ALCHIERI, J. C. Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 4, p. 1339–1357, 2013.

MEDEIROS, R. E. G. DE; NASCIMENTO, E. G. C. DO; DINIZ, G. M. D.; ALCHIERI, J. C. Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 4, p. 1339–1357, 2013.

MESQUITA, E. C. “ENTRE PRÁTICAS E SABERES” Parteiras práticas, parteiras técnicas e médicos parteiros. In: **18º Redor - Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE, 2014.

MOURA, E. C. D. Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Setor Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

_____. Eu te benzo, eu livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 12, n. 29, 25 jul. 2011.

OLIVEIRA, E. R. Doença, cura e benzedura: estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1983.

_____. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, O. PADILHA, M. A. História, Memória e Benzimentos. In: **V Congresso Internacional de História**, UFG - Câmpus Cidade Universitária, Jataí – GO, 2011.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. 2º ed, Editora Unesp; Paralelo 15, 2000.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (Org) **Epistemologias do Sul**. ALMEDINA. SA, p. 73-117, 2009.

QUINTANA, A. M. **A Ciência da Benzedura: mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise**. São Paulo: EDUSC, 1999.

REZENDE, J. M. DE. **À sombra do Plátano: crônicas de história da medicina**. Editora Fap-Unifesp, 2009.

ROSALDO, M. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: ROSALDO, M.; LAMPHERE, L. (orgs.) **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p.33-64, 1979.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (Org) **Epistemologias do Sul**. ALMEDINA. SA, p. 23-71, 2009.

SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (Org) **Epistemologias do Sul**. ALMEDINA. SA, 2009.

SANTOS, B. S.; MENEZES, M.P.; NUNES, J. A. Introdução: Para Ampliar o Cânone da Ciência: a Diversidade Epistemológica do Mundo. In: SANTOS, B. S. (org.), **Semear Outras Soluções: os Caminhos da Biodiversidade e dos Conhecimentos Rivaís**. Porto: Edições Afrontamento, p. 23-101, 2004.

SANTOS, F. V. **O ofício das benzedeiras: um estudo sobre praticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta – RN**. 1 ed. Cirkula, 2016.

Silva, A. **A Primeira Médica do Brasil**. Pongetti: Rio de Janeiro, 1954.

SILVA, P. K. B. Saberes e Poderes - A expressividade das Benzedeiras remanescentes em Jaci-Paraná/RO. In: **Anais do Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental**, 2016.

THEOTONIO, A. C. R. Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de areia – PB. Dissertação M(estrado) – Instituído de História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB. 2010.

TIEPOLO, L. M. A inquietude da mata atlântica: reflexões sobre a política do abandono em uma terra cobiçada. **Guaju**, v. 1, n. 2, p. 96, 2015.

TRINDADE, D.C. Benzedeiras do Amazonas: a atualidade da cura popular no cidade de Parintins. In: **VII CONNEPI - Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação**, 2012.